

1-47 quinta-feira, 27 de Novembro de 2003 <cadernos-md-sw-bb> <cadernos-0-  
ej>

20-03-2005 12:57:34 -> Gosto desta retrospectiva pessoal do AC aos escaninhos dos anos 49 e seguintes. **Escritos da juventude e cadernos de um aprendiz** expressam-me com nitidez nesses anos dos meus verdes anos: em 1949, contava eu 16 anos!!! Dou por bem feito o esforço deste scan e espero ter guardado os originais manuscritos em lugar seguro. Agora mesmo vou pô-lo em PDF.

NOMES PARA O LIVRO QUE NA ALTURA TENCIONAVA ESCREVER:

- *PERPLEXIDADES DUM APRENDIZ DE FILÓSOFO*  
COERÊNCIA  
ÂNGULO  
TESTEMUNHO DUM ESTUDANTE  
ENSAIOS, VERSOS E TESTEMUNHO DE UM ESTUDFANTE
- *MAIS NOMES PARA O LIVRO*  
O APRENDIZ DE FEITICEIRO  
RETRATO DE APRENDIZ  
ASSÉDIO E RENDIÇÃO  
A INTERROGAÇÃO  
PERPLEXIDADE  
DESCOBERTA  
ESPERANÇA E PERPLEXIDADE

## *OS ANOS 50 : 1949, 50, 51, 52, 53...*

### *CADERNOS DE UM APRENDIZ*

+

1-14 - sexta-feira, 2 de Maio de 2003-novo word - <cadernos-1-ej> escritos da  
juventude- afonso cautela

#### O GÉNESIS EM 1950

Se a origem da vida é olhada unicamente sob o aspecto mecânico, fácil e consolador que isso pareça à primeira vista, é no entanto terrível constatar-se que a sublime potência do homem – a inteligência, a harmonia de mil formas e o ritmo dos mais belos sons - , irá desfazer-se como veio no negrume cerrado e frio do mistério da matéria.

Ainda se a ideia de Deus fosse consoladora! É tão pequenina essa concepção para as nossas exigências!

Mal levantamos a cabeça, pobres de nós, batemos com a cabeça nesse tecto baixo de naves carcomidas e telhas esburacadas. Não se respira à vontade.

A ambição, a ânsia do homem suplanta muito esse limite traçado a régua e lápis.

Depois de uma vida calcurriada às guinadas e com muito má vontade, cheirando os podres e os nauseabundos, olhando as chagas e os monstros, que perspectiva mais abominável do que essa de um repouso reconfortante entre cores rosas e mornos estofos, bebendo por taças de ouro o enjoativo mel de muitas delícias!

Se é isso uma recompensa, prefiro o inferno. A fogueira enorme deve ser bem terrível (a minha condição humana não o pode negar!) mas pelo menos a dignidade do homem está salva.

\*

[K = 2, 3, 4 , etc

3ª lei – As alturas dos sons estão na razão inversa do comprimento do tubo

4ª lei – Os nodos e os ventres tanto do som fundamental como dos sons harmónicos dispõem-se como indicam as figuras juntas, ficando em cada extremidade um ventre ...]

\*

Durante bastante tempo andou a martelar-me o cérebro uma ideia que por mais que fizesse não era capaz de traduzir em palavras.

Esforcei-me por dar forma a uma intencionalidade , um pensamento e não conseguia.

As palavras traíam na sua vulgaridade as gamas subtis do pensamento.

No entanto direi talvez por sorte, caiu-me debaixo dos olhos uma página do conhecido André Cresson.

\*

[Kant ]

É costume começar as coisas pelo princípio, quer no quotidiano, prático e corriqueiro, quer nos domínios magníficos e sumptuosos subtis da filosofia.

É cheio de dificuldades o caminho trilhado em frente nos domínios da filosofia. Para os novos, para quem começa, é cheio de dificuldades - a filosofia é um ...

[Kant ]

\*

I – Razão de ser – Porquê Kant?

O arquitecto para construir um futuro edifício que poderá ser um palácio ou uma casa modesta [ ].

Há uma tendência para estabelecer , encontrar um ponto de partida sempre que se quer abordar algum problema de uma complexidade maior ou menos.

Por vezes não é tarefa fácil balizar com um ponto de partida e mais outro de chegada o campo em que decorrem factos sucessivos num encadeamento íntimo.

Em filosofia a solução desse ponto agrava-se , pois quem negará a impossibilidade de coarctar a actividade do pensamento dentro de barreiras? Quem acreditará na possibilidade de refrear o raciocínio, quando ele escorrega à nossa frente como uma sombra fugidia que por pouco não apanhamos, se escapa como se fosse a nossa sombra fugidia e subtil, sem jamais ...

Quase a deitar-lhe a mão para refrear esse abuso desordeiro mas sem jamais lhe podermos dirigir o rumo por pouco quase na nossa mão – mas sem jamais lhe chegarmos a tocar.

Não vamos discutir aqui as possibilidades de enquadrar meter em quadros ou em esquemas reduzir a filosofia a um esquema , quadro a uma coisa qualquer mensurável com dimensões .

No entanto, urge criar um marco de referência a partir do qual o pensamento tome uma atitude recta , definido e ritmado, um sentido , um significado adquire uma maneira

de se conduzir ordenadamente através dos escolhos que tem de rodear para chegar ao porto seguro de uma verdade da luz e da esperança esclarecida.

Não estabeleceremos , poremos barreira alguns mas basearmo-nos em princípios fundamentais imprescindíveis princípios que a razão de todos exige e que através a evolução ampliado e consolidado da filosofia .

Hoje, poder-lhe-íamos chamar problema ... na resolução de todos os outros problemas, é o problema crítico . É o tal referido ponto de partida para a marcha laboriosa mas temos de empreender.

É o ambiente em função de quase desabrocharão a flor tímida duma revelação ambicionada.

Esse primeiro problema foi posto e tratado por Kant.

Diríamos que a sua vida teve um fim único - dar àqueles que se preocupam com o Emanuel Kant.

A seguir dou a palavra a Cresson que por acaso me caiu sob os olhos e me salvou de sérios embaraços quando tentava lançar ao papel e exprimir por palavras inteligíveis pensamentos que me marulhavam no cérebro.

Sinto-me feliz, no entanto, deu-me coragem por ver nele...

Além disso encorajaram-me a revelar ideias que eu talvez , mesmo que as soubesse exprimir, não teria o arrojo de confessar.

Ouçamo-lo:

[ falta no manuscrito]

Agora talvez percebamos melhor o significado porque é que em quase todos os estudos autorizados sobre Kant, ele é considerado como o [ ]

Realmente o seu valor não admite réplicas. Rebenta todas as opiniões que tentem a manchá-lo, depreciá-lo. Não necessita elogios. Impõe-se a si mesmo. Salta à vista mais míope e encobre possíveis defeitos , porque não os deixas de ter.

E como sem a sua filosofia é difícil compreender os pensamentos e filósofos ulteriores, escolhi para as minhas dissertações as doutrinas e sistemas filosóficos que tenham como figura central Emanuel Kant..

Ao pé da obra que criou , a vida material de Kant aparece sumida e quase destituída de significado. É preciso mesmo abandonar os pruridos da vida corriqueira e banal para delinear bem pura e limpa essa outra vida, que só à elite dos homens de génio é dado viver.

Faremos, portanto, o nosso plano de dissertação, abrangendo o melhor possível.

1º - Os sistemas criados ou seguidos por Kant, cujo diâmetro de expansão , no espaço e no tempo, é que fazem parte dum corpo universal de sistemas e que se confundem, enriquecendo-o

2º - os sistemas de carácter mais universal, onde se perde quase o cunho da personalidade kantiana , onde mais se confundem o pensamento do filósofo em partida (?) com o pensamento eterno e imutável da enorme plêiade de filósofos que teriam contribuído com a sua quota parte para o todo harmonioso duma única verdade.

3º - O sistema que Kant propriamente criou, que tem um cunho mais seu, mais pessoal.

4º - O último reduto de uma sua vida grandiosa, a vida terrena, palpável, efémera.

I – O Criticismo

A metafísica é a meta inevitável do pensamento, o último reduto das especulações filosóficas. Seduz pelo âmbito vastíssimo dos seus problemas .

O homem é um animal metafísico, disse Spencer e não é em todo descabida essa asserção.

Desde que os primeiros alvares da adolescência rompem no horizonte dos 13 anos, o homem que se começa então a formar, tem regra geral o primeiro encontro com a metafísica.

Olha o jovem para dentro de si e interroga o seu eu. Porque existo? E depois desta, desaba uma avalanche de problemas uns que vão obter soluções satisfatórias, outros que ficarão perdidos na dúvida e na descrença.

O homem pode esquivar-se às mais difíceis eventualidades, mas mais cedo ou mais tarde terá de enfrentar a metafísica.

Monumentos de várias espécies nos restam para construir a história natural do homem : são os hábitos e costumes dos povos selvagens, representantes de estados para nós transactos; são as observações da paleontologia e as descobertas geológicas correspondentes são finalmente os subsídios da autonomia comparada, da embriologia e da teratologia.

Uma tal obra é porém indispensável: saber quem somos é a nossa primeira obrigação.

\*

A curiosidade inata do homem e da criança , o aparecimento de problemas ao homem – Antro., Oliveira Martins

\*

Desde tempos remotos, o homem foi levado a confrontar a estrutura do seu próprio corpo como a certos outros mamíferos

[Fora da aula, Pires de Lima]

Mas ainda que a embriologia é a prova de que a evolução realmente se deu no meio elementar do mundo animal nos leve a crer que o humano derivou gradualmente do corpo ... continua por resolver, a única prestação realmente importante isto é, a origem da personalidade e da alma humana. Somos [ ]

As teorias transformistas , cuidadosamente deduzidas por aqueles sábios (Lamarck e Darwin) foram em seguida ampliadas e deturpadas às vezes, por numerosos naturalistas e hoje existe uma riquíssima literatura relativa ao assunto, na qual nem sempre se nota uma rigorosa veracidade.

Quem ler despreocupadamente certos livros será induzido a acreditar que a Ciência já resolveu definitivamente o problema da origem das espécies, e que já traçou com toda a segurança o quadro genealógico da Humanidade, sem escaparem as mais finas minúcias de parentesco.

Nada menos exacto, contudo. Um século de imenso trabalho de gerações inteiras de naturalistas, geólogos, embriologistas, antropologistas, teratologistas, arqueólogos e paleontologistas o mais que fez foi levantar uma ponta do véu que envolve o problema das nossas origens.

Abundam efectivamente os romances científicos que tudo pretendem explicar. Parece-me todavia mais honesto confessar que pouco sabemos e que se o esforço realizado tem sido colossal muito mais tem que se fazer ainda.

Tenhamos presente a sentença hipocrática:

«Saber é ciência , julgar que se sabe é ignorância .»

Há bastantes diferenças morfológicas entre a nossa espécie e os antropóides . Muito maiores que eles são as manifestações de inteligência e bondade que tanto afastam o homem dos outros seres vivos .

A embriologia aproxima também os diversos animais, pois a evolução do indivíduo da nossa espécie é semelhante ao desenvolvimento do ovo de qualquer mamífero. Estabelecem os biólogos que a evolução de um indivíduo (ontogenia) recorda a evolução da espécie . Estudos profundos de anatomia comparada e engenhosas especulações teóricas têm procurado reconstituir a genealogia humana.

Mas sem dúvida os documentos mais valiosos são os que têm sido colhidos em trabalhosas escavações.

É a paleontologia humana ciência ainda embrionária e a pré-história que poderão talvez um dia desvendar o mistério da nossa origem.

Pondo de parte os exageros de Haeckel e outros naturalistas , não há dúvida de que as descobertas da paleontologia têm ajudado a atenuar de algum modo o abismo que parece separar o homem dos outros seres vivos.

Estamos, é claro, ainda longe de saber, duma forma positiva, quando e como apareceu à face da terra o primeiro ser que acendeu lume, que trabalhou um instrumento, que andou a pé e que comunicou com o seu semelhante por meio de sons articulados.

A humanidade não é constituída por uma colecção de pessoas iguais. É uma espécie composta de indivíduos de valor muito diferente , espécie que teve uma origem humilde, que vai caminhando para gloriosos destinos.

A arqueologia pré-histórica esclarece acerca dos caracteres intelectuais e morais do homem primitivo e a paleontologia humana ensinar-nos-ás quais os caracteres anatómicos dos nossos antepassados

\*

Fora da aula.

O anatomista ou o fisiologista superficial que afirma que o espírito é apenas acção do cérebro [ ] que a realidade do seu próprio espírito é o postulado inconsciente de todo o seu conhecimento e que tudo quanto ele sabe do assunto consiste simplesmente em representações ou imagens do seu espírito.

\*

Geralmente, a palavra metafísica faz surgir nos espíritos mal informados enorme terror porque recorda os problemas mais difíceis de que [ ]

Provavelmente desde que o homem soube pensar se interroga depois de dominados os primeiros instintos e as primeiras necessidades mais fortes lhe aparecem, como [ ] na infância da espécie tal como agora na infância do indivíduo, os problemas da sua existência e da sua razão de viver.

Seja como for, iremos recuar , o que faríamos por hipóteses mais atrás e mais longe do que ao século V A.C. e às [ ] da antiga Jónia, colónia florescente da Grécia [ ] Encontraremos o primeiro filósofo grego Tales, o primeiro metafísico notável. E a partir dele acumulam-se sistemas atrás de sistemas, doutrinas e mais doutrinas que se completam e digladiam que perecem ou tornam a reviver.

1. O saber como consequência primária da existência do homem

Uma das grandes fatalidades do homem (e digo fatalidade no sentido de infalibilidade) é o saber.

O homem pode fugir às emergências mais difíceis mas nunca se poderá furtar a esta coisa tão simples: o saber.

O saber tem várias formas que vão da menos à mais perfeita. O desejo inato de saber confunde-se quase com a necessidade mais rudimentar de saber.

Ampliados ambos gradualmente vão surgindo os diferentes graus do conhecimento – resultado fatal do saber. O homem retém a experiência própria e a de seus antecessores, virtude da faculdade retentiva do homem .

O conhecimento é , portanto, tão antigo e tão universal no tempo e no espaço como o homem.

## 2. As diversas formas do conhecimento

O conhecimento pode ser considerado como a posse intelectual das coisas

a) O conhecimento empírico. É por exemplo e mais tipicamente , o das previsões do tempo pelos camponeses, o dos provérbios e máximas que resumem as observações correntes sobre o homem e as suas paixões.

Até certo ponto consideramos também o conhecimento do dia a dia, de todos os nossos gestos e acções, confundido por vezes com a simples percepção pela qual estamos ligados ao mundo que nos rodeia.

É um conhecimento momentâneo, particular, isolado, instável, acidental, transitório, sem um propósito definido, sem preocupação da análise de si mesmo.

Vai servir de fermento na evolução das ciências.

A concepção de ciência tem variado de acordo com o seu desenvolvimento intrínseco e com o desenvolvimento intelectual das épocas.

### b) Conhecimento científico

A ciência é um sistema de conhecimento construído em bases de observação e de experiência e unificado pela reflexão sobre dados que afinal proporcionam.

A ciência é o conhecimento verificável, comunicável, impessoal, não emotivo, é o conhecimento adaptável às necessidades da vida.

Tem em vista construir fórmulas simples, completas e condensadas.

A construção de uma ciência depende de processos de selecção e de escolha, processos que assentam [ ] isolar um determinado aspecto das coisas.

A ciência pretende relacionar e assemelhar fenómenos diversos e pôr em evidência as regularidades de comportamento.

\*

O meu ponto de vista leva ao de Bruno algumas vantagens:

1) Evita a dualidade alma-matéria

2) De acordo com a anterior, não sofre a vontade condicionamento de nenhuma ordem . Afirmar-se em plena liberdade, afirmar-se Deus

3) Bruno não encerra os problemas dum ângulo largamente filosófico. Perde-se quase no prático

4) Deprecia o subjectivo para exaltar a Moral quando a Moral sai mais exaltada (correndo até o perigo de para nada servir na prática ) quando se considera no subjectivo, no ideal.

5) Bruno tem de inventar «seres espirituais superiores a nós e existindo fora de nós.»

\*

Para um critério de moralidade

\*

Inquietação à procura dum absoluto (Fundamental , ver )

\*

Oposição do materialismo dialéctico e do materialismo criador?

\*

(Ocidente e Oriente)

\*

Para um estudo da crise ocidental – Ver Ocidentalidade e Mundaneidade.

\*

Nº 8 – Inclui uma entrevista . Os poemas poderão ser lidos pelo autor?

Poemas do livro Esboço.

\*

1953

Sinceridade – um dos atributos da criação

Optimistas e Pessimistas

Os optimistas, além de infantis nos argumentos que invocam, são geralmente curtos de vistas.

Não lhes convém deixar muito lisonjeados os pessimistas. Nem acreditar que a razão do pessimismo destes é de razão mais profunda que um azar nas contas ou uma má digestão . Nem com o suicídio eles se convencem da força fundamentalmente vivaz we vital (sem ironia) do pessimismo.

Uma força dos optimistas. Só o optimista crê nalguma coisa , num progresso real da humanidade, o que ajuda à acção. E o pessimista , não crendo em nenhuma felicidade, pode parecer preguiçoso, esquivo à actividade, alheio às mais prementes necessidades materiais do homem.

\*

Hoje como ontem posso soltar o grito de desespero. «Aqui abafa-se . Como me sinto só ao pé de tanta gente! Interessará ao homem tão pouco o seu próprio destino, a ponto de se alhear dele completamente ?! É confrangedor mas há que gramar e calar. Calar, talvez não. Sempre insistiremos em ladrar, nós, os incorrigíveis».

Mas a diferença está em que hoje sei enfrentar o facto com o desprezo que merece. Aproveito-me dele para os meus fins. E ontem deixava-me succumbir ao seu peso. Mas na papelada que deixei escrita nesse sentido posso encontrar bem a definição da minha natureza essencialmente comunicativa.

\*

Se percorrermos as imensas experiências efectuadas em psicologia positiva (vejam-se as da memória em Faria de Vasconcelos) fere a artificialidade de todas elas (já o disse quando falei dos absurdos exercícios de fortalecimento da vontade e digo-o agora dos testes em geral). Com a psicologia funcional, é muito difícil isentar a investigação psicológica das relações funcionais em que os fenómenos psíquicos assumem verdadeiro significado.

\*

Atenção!!!

Um dos ângulos mais fecundos de que me posso abeirar é o da essencialização.  
Poesia = Essência . O que é Essência ? E dada a resposta, respondido se terá a poesia.

\*

Poesia não é questão de sensibilidade. É uma questão de totalidade espiritual, da sua força de síntese. Por isso a poesia se aproxima tanto da filosofia e do misticismo e constitui a meu ver uma base indispensável para toda a autêntica cultura, pessoal ou histórica.

Parece-me que a ciência psicológica positiva se tem mostrado pouco fecunda e o que existe é um amontoado de investigações dispersas que pouco vieram acrescentar ao património científico com que os filósofos irão construir uma imagem inteligível do universo , neste caso do universo espiritual .

Há que procurar outros caminhos . O património literário, histórico, biográfico, poético e artístico da humanidade pode e deve dar um contributo à ciência psicológica muito superior, só resta descobrir o método que há-de encetar o estudo desse património com tal fim .

Será esse método a heurística?

Ferreira, 24-Fevereiro-1955

\*

De me imaginar para melhor me conhecer e me realizar espiritualmente a efectuar em mim próprio testes de memória, da atenção, da imaginação e da inteligência.

Mas afinal é o que se faz nos outros para chegar a um conhecimento psicológico que terá repercussões morais, educativas, etc.

Ora o meu testemunho , proporciona de facto a experimentação, mas a experimentação viva, em reais condições (já tenho escritos sobre isto) de devir psicológico, captado no acto das vivências mais profundas, sendo essas próprias vivências (isto está obscuro).

\*

1951

[ Carta a Fernando Costa e Sousa?]

Tenho ainda o poder de auto-crítica suficiente para avaliar do que escrevo. Não posso ir além do escritozinho ou da reportagem radiofónica e não pretendo mais.

E isso por constituir mais do que distração , vocação portanto, é quanto me basta.

Vivo a minha vocação e é tudo.

Pergunta-me porque fiz um soneto. Se quer que lhe fale francamente digo-lhe que foi o que saiu. Quando versejo nunca penso que vou fazer um soneto , se quadras, se tercetos ou se outra qualquer modalidade. O que sai é que fica . O mesmo acontece à rima. O soneto saiu assim e assim ficou . Não percebo nada

\*

Mais um sofisma da ortodoxia

A críticas às pessoas e às ideias não é incompatível com a tolerância. A crítica pressupõe mesmo tolerância e necessita-a; pois sem tolerância nem chega a haver manifestações fora das ortodoxas e, por isso, não pode haver crítica.

\*

1951

E não tenho medo de afirmá-lo: dos compêndios nada sei, não pude aprender o que eles me ensinaram.

Sei antes o que com a minha própria experiência adquiri, aquilo que vi e senti , dentro de mim, os meus raciocínios e as minhas ideias.

Sei a minha verdade que é dádiva e expectativa , entusiasmo e amor ao espírito.

Sei o que sou e conheço-me bem. Nada disso interessa num exame e por isso ficarei reprovado.

Dizer-vos o que o compêndio me tentou ensinar com falinhas mansas, não posso. Seria enganar a minha própria consciência, violar aquilo que possuo de mais valioso, aquilo que representa horas de meditação e talvez de sonho.

Sim, eu sonho. Tenho a mania de imitar os poetas e gostaria de ser poeta, não para fazer versos mas para facilmente e justificadamente fugir do mundo sem que me acusassem de louco. Assim, chamam-me louco e já me chamaram com certeza.

Não vou pensar que os loucos foram os génios pois semelhante afirmação acabaria por me deixar nas ruas da amargura. Como é possível fazer um exame de filosofia a quem vive a filosofia e não a estudou, a quem dentro de si sentiu a «dor do pensamento» e a angústia das interrogações sem resposta?

Como é possível fazer um exame a tão estranha criatura?

Ela será mais honesta se desistir.

Mas é preciso, se tens de ganhar o pão como os outros?

Há outros métodos de ganhar o pão sem fazer exames, pois não há? Sim, é uma verdade, há. Mas pensai que sou um burguesinho com muitas aspirações também e que não quer ficar a cavar terra lá onde seria o seu lugar a ver o nascer e por do sol, a falar com os pássaros, a sonhar com as estrelas, a beber o fio cristalino do ribeiro na tarde repousante.

Literatura é o que isto é tudo, pura literatura. E é um sujeito assim que quer ludibriar os outros. Tenha juízo primeiro e venha depois fazer perder o tempo daqueles que têm mais que fazer sem ser aturá-lo.

Última decisão. Chumbado.

\*

Disponibilidade?

(2) Cuidado com a disponibilidade. Não estarei já a excluir o objectivismo? E não terei excluído muita coisa?

(Ver a 2ª Carta à Esperança).

Os exames, muitas coisas que julgo estarem erradas? É que afinal também tenho um dogma (a criação, o espírito) e a ele tudo refiro. Tudo o que for contra ele é que excluo. Mas tudo o que for contra ele.

O Negócio & Negócio (ver escrito) os interesses inconfessáveis dos que se servem dele para se servirem a eles, a rotina que continua!

Sim, eu tenho um dogma. Alguma coisa tenho de excluir (Ver Ramada Curto, Diário de Lisboa, 24 de Fevereiro de 1955, A Cadeia) em nome dele.

Exijo apenas as tais mínimas condições: sinceridade, originalidade, etc., enfim, criação espiritual (Ver escritos sobre crítica).

O Valor contra a Mediocridade.

Além disso, humanamente eu posso revoltar-me contra tudo o que me fez mal e continua a fazer, senão caia no pirronismo... e pirronismo é fita.

(Ver Carta aos Cínicos).

\*

Ferreira do Alentejo, 2 de Maio de 1953

Suicídio

O suicídio é o supremo e decisivo argumento do poeta e do pensador independente. Mesmo assim, ainda há quem não se convença com ele.

Ferreira do Alentejo, 3 de Maio de 1953

“O que o não mata, favorece-o».

Chega a meter raiva como as minhas ideias coincidem tão bem com as de Nietzsche.

\*

Ferreira do Alentejo, 4 de Maio de 1953

Arte trágica

A arte que não for trágica não é digna desse nome nem do nosso tempo . Nego toda a arte que não traga a marca de vitória sobre a única coisa que pesa na vida: a morte. Não compreendo arte sem metafísica.

\*

O que fez o homem mais infeliz é chegar a reconhecer que [ ] não é a felicidade o que ele procura mas outra coisa a que desconhece a causa, a natureza e o lugar ou tempo em que ele se situa.

Só a dor é [ ], não porque só ela exista mas porque individualmente afecta uma zona maior de pessoas do que o prazer, fundamentalmente egoísta e pouco expansivo.

Quer dizer: a dor é centrífuga , irradiante e o prazer centrípeto.

A dor une os homens , o prazer separa-os. A dor é bela, o prazer feio.

Não há optimismo ou optimismos mas optimistas, casos individuais que por suficiências ou insuficiências se arrogam o direito de proclamar os outros e tudo tão felizes como eles.

Mesmo tomando o termo felicidade burguês no seu sentido mais elementarmente burguês, os optimistas não têm 10% de «felizes» a seu favor.

\*

Social [ ]

Reforma social sem reforma educativa não serve de nada.

Porque os que são hoje pobres farão, amanhã, o mesmo ou pior que os que ontem eram ricos, os únicos ricos.

Reforma educativa para todos.

É também um dos deveres de que actualmente se acham isentos. Não sei porquê.

Nota a Assédio e Rendição.

\*

Uma utopiazinha

Quero fazer da vida uma obra de arte.

Não é já um ou outro material , inerte (a cor) ou orgânico (a palavra) da vida que se irás fazer arte, beleza, criação,

É da própria vida que se fará a matéria moldável.

Como?

Pela nova e grande arte , a educação. Para isso a arte e a criação não desempenharão papel pouco importante. Servirão como funções integrantes para uma mesma finalidade.

É um existencialismo pedagógico, talvez.

No grande palco do universo se representará.

Recriação da criação do mundo, recriação que certamente nos irá resolver os múltiplos dilemas e perplexidades desta modalidade dialéctica em que vivemos mergulhados.

Mas nem na esfera da modalidade criadora se alienará esse bem supremo que continua a ser a vida , o homem e a consciência criadora. O mais humilde dos vermes continuará a desempenhar o seu papel e talvez até outro papel diferente do que desempenhou na modalidade dialéctica e que talvez comece a ser o verdadeiro. A modalidade criadora é [ ]

O artigo A Nossa Dívida pode servir de introdução à pedagogia criadora.

\*

1945

As suas lágrimas eram humanas e não consolariam um sofrimento que poder maior obrigação que ele sofresse como expiação, também, de visão mais alta que nascera e vivias nele!

Se não modelares a pedra bruta , ela nunca mostrará o seu verdadeiro valor .

\*

14-8-1945, Vila Nova

Pensamentos

O amor é a sombra que se extingue quando a felicidade das acções se desmorona –  
Afonso Cautela

A vida é a frase que se grava em dura lousa e se extingue no decorrer dos anos –

Afonso Cautela

\*

2-1-1949

Qual a razão de ser do mundo, de toda a humanidade, do universo inteiro e também do homem?

Isto tudo surgiu donde, para quê e para onde?

Nós, homens, que estamos dentro do mundo, vivemos nele, somos forçosamente arrastados nesta corrente que parece nunca parar , andamos nesta actividade – embora muitas vezes parece estarmos em repouso! Continuamente vivendo sem querer , sem sentir mas forçosamente vivendo ...enquanto se vive, é claro.

Mas venhamos ver o mundo de longe, em que ele nos aparece como uma bola girando no meio dos outros planetas e como tudo há-de parecer mesquinho ! Os homens agitando-se, fossando na terra sem levantarem uma vez sequer os olhos ao ar e ver que imensidade há para além da terra, Que imensidade grandiosa e ignorada – triste verdade!

E para que existe isto tudo?

Como eu desejaria saber exprimir bem, claramente este meu pensamento...

\*

É por eles que vale a pena. Por eles, que têm fome de pão e fome de beleza.

Pelos humildes do mundo, de hoje e de sempre, daqui e dalém .

Vale a pena não desesperar ainda da vida e acreditar que é só vaidade.

Peço menos literatura e mais humanidade.

\*

A história é má conselheira , quando representa mais um peso do que um estímulo.

\*

Vida cultural intensa não significa só assembleias mas atenção à actualidade.

\*

sem história não existe cultura. Mas sem actualidade também não.

\*

O mundo não para. Anda sempre.

\*

Não me admira que as massas ignorem as obrigações da cultura. Admira-me é os responsáveis.

8-4-1950

Indo de definição em definição pode reduzir-se seja o que for a fórmulas matemáticas.

\*

13-4-1950

Nada há melhor para compreender do que estabelecer contrastes.

\*

14-4-1950

Tudo que se sabe e se conhece é intuitivo. É certo que nem tudo é intuitivo para o homem vulgar .

Mas cada descoberta dum cientista é como que uma intuição do seu génio sobre qualquer assunto incompreensível para a mediania, intuição que ele irá elaborar numa forma percebível para os que não podem ter essa intuição.

Portanto, só podemos chegar aos conhecimentos (os mais subtis) por intuição.

\*

Religião

A religião afinal conta como uma necessidade insubstituível . Efectivamente como seria possível que a grande massa tantas vezes ignorante e de confrangedor nível mental assimilasse na sua mínima necessidade metafísica os ditames intelectualizados da razão!

Seria uma utopia querer isso uma realidade. Em compensação, a religião oferece quase tudo coisas intuitivas, oferece na sua comezinha posição de coisa inventada manjares para todas as mentalidades e para todos os níveis intelectuais. Além disso , a sua psicologia está indiscutivelmente de harmonia com a psicologia popular .

Enfim, a religião promete longa e próspera vida, o que pesará muito pouco ao verdadeiro racionalista. Mal, muito mal mesmo tem ele feito em dedicar tanto tempo a uma série de patranhas .

Mas também, com a eternidade à frente, que importa mais ou menos uma hora?

Acedamos em dar a nossa contribuição na luta que é preciso ter acesa.

\*

5-9-1950

Ao que vou chamar aqui conhecimento limitado , chamo hoje conhecimento total relativo.

É urgente que penetre no conhecimento limitado esse que oferece um fim por longo que seja o caminho até lá chegar.

É possível a totalização desse conhecimento que está implícito em regras fixas e para além das quais não há mais nada a descobrir. Esse conhecimento terá uma forma determinada , ponderável, contornável que se apalpa em todos os seus pontos.

Depois de ter abrangido esse conhecimento [ ] campo raso para soltar as rédeas ao pensamento e ao sentimento poético às tendências de loucura e embriaguês. [ ] o material, depois o imponderável, o infinito , o eterno , o tamanho colossal de probabilidades que o homem tem ao seu dispor para se fundir em vida com um mundo que continuará a ser depois da morte. Um mundo só nosso.

Quando nos atingir a morte já nós temos passado a barreira difícil, já nos encontramos do lado de lá correndo loucamente e amplamente pela regiões siderais , eternas, imutáveis do infinito!

\*

Em 18-6-1950

O que deixo atrás não é mais do que a expressão ainda indecisa do importantíssimo facto agora reconhecido pelo estudo feito na disciplina de filosofia : a existência dos fenómenos psíquicos de natureza muito diferente de todos os outros fenómenos.

O contraste do homem possuir esse poder e todo o resto da criação ser desprovido dele ( relacionar com a questão religiosa do valor da inteligência) no alto grau em que nós o possuímos.

(Dá graça que a religião queira assim colocar o homem vulgar de hoje ao mesmo tempo no centro do mundo e no cume da escala dos seres vivos. Até aqui mais nada pudera reconhecer Deus.

Vem, no entanto, o homem e logo o reconhece. Fácil: como criou a máquina a vapor e até com mais razão também criou o mito e a religião!

\*

Hoje, 5-9-1950 não concordo lá muito bem com a explicação que em 18-6-1950 dei do trecho inicial. Hoje penso que nele a primeira ideia era a seguinte: embora eu concorde [ ]

\*

Os factos de que as nossas sensações nos dão conta e que podem ser reconhecidos apenas indirectamente : os ultra-sons, as ondas hertzianas.

O nada não será antes outro mundo, maior e mais complexo ainda do que este? Nada não existe.

Antes de existir o microscópio , quem previa a existência dos micróbios?

É necessário aguçar a sensibilidade para ver o que os outros não vêem. As coisas existem mas é preciso relativamente à nossa condição de humanos sabermos da sua existência

Relacionar este problema com o nada, o existir e o ser e ainda com o tal Deus que se imagina (eu imaginava pelo menos) lá no céu passeando sobre nuvens numa abstracção que hoje me espanta!

Aqui pregado não prometo esperança, o que dou é o que mostro em minha taça [ ?] É esta folha triste, amarrotada e tudo. Mais que sou que é nada.

Segurança.

NADA.

\*

A encenar [?] o tempo cada hora,  
cada instante

como se tudo acabasse

com um estampido vibrante.

E a dor de cada instante instala-se já

Limpemos os [ ] brilhante e se assenta []

Não fica, não vem, nem vai

Que ouço? Não há melhor

Que uma palavra,. Um ideal

Um amigo ou uma esperança

A luta por um bem ou por um mal

Não me deixem sonhar

E aqui me fico

Na mesa da solidão

A andorinha a rasar solidão

Para cá da vida e para lá de tudo

Não há mistério que valha a pena

E se vale a pena

É para estostrar com gente

Na fraqueza

Sufrimento é a palavra

E o sentido de que está

À espera de tudo e nada

Do outro lado e de cá

Pela liberdade a dava  
E dava-a também pela verdade  
De morrer calado.

\*

Como na matéria existem duas espécies de fenómenos – físicos, químicos – porque não haverá também no espírito além dos fenómenos psíquicos outra ordem de fenómenos?

\*

Já alguém se lembrou de medir as cores?  
E o perfume já alguém o pesou? (Relacionar com a natureza especial dos fenómenos psíquicos) .

\*

Nessas manifestações de vida de relação que se observam em organismos inferiores , pode-se porventura falar de «alma» e de «espírito»?

Há então diferentes categorias de almas

A alma de um cão (se é que se diz o cão ter alma) é igual à do homem na mesma proporção em que são iguais as almas de indivíduo para indivíduo.

\*

Temos então que nos convencer de que Sol, planetas, universos, plantas, animais, rios, cataclismos, enfim, tudo o que existe , foi feito e arrumado especialmente para o homem ?

Como é mesquinha essa suposição!

Então para que lhe deram esse universo infinito que ele desconhece pode-se dizer por completo?

De que lhe servem tantos planetas e universos?

Só para o plácido astrónomo os espreitar em noites estreladas através da lente gigante de um telescópio?

\*

Poderemos nós – sem nos assaltar antes uma irresistível vontade de rir – supor que toda a grandeza do espaço infinito foi feita exclusivamente para o homem que relativamente a esse espaço é nada?

O homem está na verdade irremediavelmente e inevitavelmente ao dispor do deve e haver do universo e não será ele quem o comandará? Está simplesmente nas suas mãos pôr-se à altura desse foguete [ brinquedo?] e dominá-lo.

\*

Literatura de ficção

Muitos o reconhecem mas raros o confessam e harmonizam o seu proceder com o preceito: em literatura de ficção , a vulgaridade do autor pode desculpar-se ao confundir –se com a vulgaridade dos personagens.

\*

Inteligir é actuar

Todos os que querem saber , ir mais além nos domínios da ciência, correm atrás de qualquer coisa semelhante à sua sombra. Nunca conseguem alcançá-la.

E assim chegam sempre atrasados, esbaforidos , a um ponto que julgam ser finalmente a meta e não passa de mera ilusão. Seria preciso galgar todos esses obstáculos e postarmo-nos à frente da civilização inteira e fazê-la estacar. Alto .. Até aqui tens tu decidido de mim. Daqui para diante disporei eu de ti!

FIM DO CADERNO -1

+

*1-6 - <cadernos-2-ej> escritos da juventude - sábado, 3 de Maio de 2003- novo word*

AFONSO CAUTELA

OS ANOS 50 : 1949, 50, 51, 52, 53...

CADERNOS DE UM APRENDIZ – II

Arrasta-se uma situação difícil. Pressinto-lhe as ferroadas.

No entanto, não há meio de me encorajar e me decidir a pôr-lhe termo. Espreito todas as boas oportunidades mas não me decido. Teço as consequências mais ou menos desastrosos, mas nunca tão desastrosas, suponho, como a própria situação em si.

Finalmente decido-me. Usei da maneira que me pareceu mais viável. Espanto! A situação achava-se bem como estava e ameaça-me de se pôr realmente mal se eu insisto na minha tentativa de melhoria.

Moral da história: não devemos ligar às más situações. Elas realmente são más, mas terá mais valor nossa indiferença ou covardia do que uma tentativa de melhoria. O mundo não quer bondades. E depois chamem-nos pessimistas.

Moral para meu uso pessoal: procurei diferentes meios para melhorar a situação. Procurarei redobrar de diplomacia. Rodearei a questão tanto quanto for preciso. Não desistirei de melhorar.

\*

Se um dia viesse a cair nas certezas, princípios, normas e dogmas com que vós outros vos vangloriais (para salvar o mundo, dar a felicidade relativa ao homem, cumprir o destino que o criador ordenou, moralizar os costumes e quejandos objectivos de ar pragmático), se um dia viesse a cair neles desejaria então fortemente (e mais do que sinto assim), o fim abominável desta vida abominável.

Mas resta-me a esperança de que ainda há que lutar contra isso tudo para respire fundo e possa então dormir o sono definitivo descansadamente.

Só a luta me justifica. Acabada ela, acabado está tudo.

Não é que eu fique »muito feliz« quando vir vitorioso o meu ponto de vista. Fico apenas eu e (como dizia Nietzsche) ser o que se é, é ocupação honrada.

Obrigado pela felicidade que tão generosamente me quereis oferecer. Se ela vos basta, rebolei-vos nela. Mas tendes de ouvir também isto: eu sou feliz...à minha maneira.

\*

INSTINTO DE IMITAÇÃO – BASE DA TÉCNICA DE CRIAÇÃO

Deve dar-se ao jovem o conhecimento da vida dos grandes homens, para que sintam o desejo de imitá-los. Mas é preciso seleccioná-los entre os grandes criadores e não entre todos os Césares e Napoleões do Mundo.

Será de Césares e Napoleões ou de Cristos e de Schweitzers que o mundo precisa? São esses os grandes artistas criadores da maior obra de arte: a Vida.

\*

SUICÍDIO

Ferreira do Alentejo, 23 de Maio de 1953, 9 horas da manhã

Outro argumento. A vida é um absurdo mas tanto basta para a legitimar. Porque se há-de exigir mais na luta pela vida ? Porque se há-de querer que essa luta seja lógica e não absurda?

Na sua absurdidade, tal como na da vida, não residirá a única razão de existência? Quem nos diz que essa lógica não é absurda e a própria raiz da existência e da natureza humana?

Só porque lógico tem sido tudo o que até hoje filósofos quiseram pensar? Porque da Grécia vem o dogma? Então chegou a altura do surrealismo se levantar e dizer que existe.

Nietzsche foi absurdo, por isso foi louco. Mas cada vez os homens se debruçam mais sobre a sua obra e cada vez mais se lhe extraem coisas novas, estimuladoras de mundos insuspeitáveis.

E Bergson? Menos poeta e talvez por isso menos aceitável . Hoje a Poesia sobrepuja a filosofia.

\*

## AINDA O SUICÍDIO

Ferreira do Alentejo, 4 de Maio de 1953

Tangente de circunferência! E o poeta sem que lá o deixem entrar! Só isso me podia entristecer depois de ter lido , na tua carta, palavras tão esperanças e reconfortantes . Mas a resignação é, não há dúvida, a melhor satisfação que se pode dar ao problema.

E tu encontre-la; deves congratular-te com isso.

Já to disse, escuso de repetir. Mas nenhuma outra ideia me martela mais do que esta. Ele é um fantasma de todas as horas, dos dias que vejo passar sem que «cumpra o meu dever», dos anos que ainda terei talvez de suportar com desânimo atrás de desânimo, fracasso atrás de fracasso.

E saber que a culpa é toda minha !

Poucas são as censuras que recebo. Raras e indirectas. Mas quando as recebo bato com a cabeça na parede, por me parecerem tão sensatas, tão justas, tão convincentes.

Se vejo que deve ser assim, porque não sou assim? Nem uma incapacidade moral ou uma miopia intelectual (que sei existentes) chagam para justificar o meu descaminho.

O que há, então?

\*

## EDUCAÇÃO NACIONAL

23-5-1953

A página 358 das Noções de Filosofia de Eugénio Aresta, primeiro volume , sugere-se-me isto:

1º - É espantosa a tirania do ensino feito desta maneira. O ar de segurança com que ali se ministra o pensamento e a única maneira de filosofar. É assim e pronto, mais não se discute. Um arremedo de discussão seguida de uma conclusão dá um ar dialéctico necessário a este ensino de caverna.

2ª - De que serve[m] dizer-me de que as culturas chinesa e indiana não prestam para nada? E porquê? Porque a herança clássica greco-latina nos impõe deveres, ora essa! Mas se naqueles é que eu vejo tudo, toda a riqueza de imaginação e de poesia que tem faltado ao espírito limitadamente lógico dos ocidentais.

Além de que naquele oriente já se resolveu há muito o abismo que forçosamente há-de continuar pelos séculos fora entre os ocidentais: o abismo entre a teoria e a prática , o

sonho e a vida. Porque a vida não é lógica, a vida é sonho (Vide Pascoaes). Quanto mais próximo da pedra, mais vivo, mais perto do sonho, mais unido nos extremos que se tocam em delírio.

Como disse Mário de Andrade: «Pobrememente lógicos os europeus!».

E somos. Por isso desprezamos os orientais e os americanos (estes que ficam a meio caminho entre a lógica e o sonho). A Europa tem dado mais que falar, atingiu a sua civilização. Mas não se terão visto ainda o erro fundamental desse progresso, dessa adiantação?

Aliás, a divulgação que se faz da apatia nos manuais é tendenciosa! Porque não significa paragem, sono ou inactividade: trata-se é da actividade imaginativa, poética, onírica que não se espaventa em maquinas tétricas mas se guarda no seio de Deus, da luminosidade infinita.

O drama ocidental continua a ser a inadaptação aos quadros lógicos da vida, porque a vida não é lógica, é absurda, é o absurdo da meditação e contemplação sem peias.

Pobre Pascoaes! Quão incompreendido foste e continuarás a ser!

Pobreza no oriente? Miséria em massa? Promiscuidade? E no Ocidente?... Não olhando já à miséria e promiscuidade convencionalmente designadas como tais, a miséria e promiscuidade que esses horríveis aglomerados de bichos (as cidades) contêm? E lembrarmo-nos de que os ocidentais estão agora a querer contaminar com as suas manias de gente civilizada esses povos milenários.

É bem feito que eles se virem e façam alguma asneira.

Como não podia deixar de ser, encarregou-se o continente americano, mais jovem e mais dinâmico, de servir de intermediário. E lá estão eles na tirania do novo século.

Mas esta vai ser decisiva para os destinos da humanidade. Veremos se ele preferirá os afagos lógicos duma cultura (filosofia, religião, moral, arte, literatura, poesia, ciência (?), etc) podre, aos delírios inofensivos e redutores dum sonho que não é culto mas é humano e salvador.

Está visto que a filosofia ocidental orientada na acção como é, só podia ser optimista, parva e inominadamente optimista, ao contrário da oriental: pessimista porque assenta na verdade do absurdo da existência. Por isso verdadeiramente criadora e dignificadora. A outra é um fantoche afadigado, em espécimes como Durkheim e mais.

Os estoicos foram os únicos filósofos inteligentes e os que destoaram do brilho greco-latino.

Por isso tão maltratadinhos têm sido. E Pascoaes, o que dizer de Pascoaes, santo Deus?

Que pena estar ainda a zero nisso tudo e não poder responder já com elementos na mão!

Mas hei-de arranjá-los. E a sova que os meninos traquinas precisam: Spengler? Gasset? E mais que traçaram optimisticamente a chamada «crise da Europa»?

Outra mentira ou asneira tendenciosa: a cultura oriental pode ser a aniquilação da vontade mas nunca a da sensibilidade. Ou sensibilidade será [ ] esses teratológicos representantes das grandes urbes modernas e da arte actual?

Ou sensibilidade será a floração ignorada e por isso desprezada entre os ocidentais, da arte, da lenda, da filosofia e (meu deus!) sobretudo da religião oriental?

Sensibilidade aniquilada? Ou inteligência frustrada e curta cá dos europeus?

Ferreira do Alentejo, 23-5- 1953, manhã das 9 às 10 horas

\*

A TELEVISÃO

Assomadiços e assustadiços, chegam com o seu tradicional cortejo de lamentos, com os seus enferrujados argumentos, a ver se mais uma vez fazem valer a luneta prudente ou o lorinhom inquisidor, produtos da sua irremediável desactualização.

Foi o cinema: e o alarme soou tanto mais ridículo quanto mais envergado vinha em tintas intelectuais. Aí estava a perdição total do triste homem deste triste século. E os atrasados ruborizavam-se de vergonha por pertencerem a uma geração desnaturada que dera homens tão indignos como os irmãos Lumière.

Foi o escândalo, o vitupério contra o animatógrafo, o descalabro em que vinha a cair o povo que mais inculco se tornaria, abandonando as fontes propiciadoras da instrução e as únicas tradicionalmente usadas.

Ainda mal se refaziam do choque, começava a soar outra novidade. E esta soava, de facto, falava, levava a palavra pelos ares, prometia assaltar de improviso os nossos assustadiços, em seus remansosos lares.

E saltava para o animatógrafo, fazia-o também falar. O cúmulo, a heresia máxima de todos os séculos, a perdição. E se julgam que os coros pararam, por sufocação ou cansaço, enganam-se. A ruminação prosseguiu. A necessária reacção não faltou. Aqueles que andam no tempo e não a retardador, compreenderam que o cinema e a rádio vinham na altura própria, eram as conquistas naturais dum processo evolutivo da ciência, os bem merecidos prémios do labor de uns quantos homens de ciência com os pés aqui mas os olhos além, muito para lá, para o infinito onde só podem ver os privilegiados.

Os nossos ruminantes, de ruminar não desistem. Ainda se não refaziam da dura experiência, quando a televisão começou a soltar os primeiros vagidos. Não viram mais nem boas do que aprontar as malas e abalar deste planeta - decisivamente arruinado, maluco, possesso. Mas fugir do planeta implicava cumplicidade com outra invenção do diabo: os aviões e quem sabe se os foguetões interplanetários.

Com certeza: só lhes restava uma solução. Atirem com o último cartucho, gastarem a derradeira pólvora. O período de guerra mundial foi de folga para eles, pois ainda se esperançavam de que o sarrabulho evitasse a descida da nova deusa: a televisão.

Pois evitou, então não evitou! Chegou fresca e rosada, conquistou multidões. Floresceu em meia dúzia de países, florescerá no mundo em meia dúzia de anos. Postou-se frente ao homem e disse-lhe: vim bela, nova, digna de ti e do teu tempo. Vê agora se sabes ser digno de mim.

Ora esta última cláusula é que está bem longe de ser uma realidade. O homem não sabe ser digno daquilo que alguns homens conquistaram para lhe dar.

Sim, o cinema, a rádio e a televisão vieram inundar o mundo de beleza, de luz e de harmonia. Vieram para que as massas deixassem definitivamente de ser massas para ser cada um o indivíduo completo, dono de si e do que é muito seu, infinitamente humano, consciente e livre.

E os assomadiços?

Ah! Os assustadiços! Já me esquecia deles. Provavelmente lá estão, como nos contos, bebendo água e comendo pinhão.

\*

Não querendo coisa nenhuma, parece-me que vocês, os cínicos de hoje, podem talvez, para facultar a análise, conceder-me o gentilíssimo favor de querer por exemplo isto: ignorar ou odiar o fenómeno social e engordarem, até ande as peles vos permitam o vosso individualismo animal.

Vocês, os cínicos, gozam duma notável propriedade: toda e que façam lhes fica bem, ou antes, não fica bem nem mal porque a vós nada fica coisa nenhuma.

Rola sobre vós a vida como rola a gota de orvalho sobre as folhas de certas plantas. Nem sequer deixam um rasto, como o do caracol ou o da lesma. Falar convosco, assim, é o mesma que falar com uma parede.

É com monumental desdém que se dignam afugentar as doutrinas e argumentos que grilam à vossa volta. Mas também, como o camaleão, podem pintar-se exactamente do contrário: e em vez de desdém, apresentam entusiasmo. Ao camaleão ninguém chama incoerente. Aos cérebros simples e muito pouco dados à cifra incognoscível do vosso alcorão são isso coisas muito de espantar.

Pergunto-me, intrigado: mas se vocês não querem coisa nenhuma, porque se vão aproveitando de tudo cá neste mundo, do bom e do melhor?

Verifico que não tem razão de ser esta dúvida: vocês não querem nem deixam de querer. Ou, mais filosoficamente, querem e não querem. Conveniência?

Mas o que importam as palavras ao cínico, tão superior às coisas mundanas?

Curam da vidinha, está visto, mas o que tem isso com o resto? E mesmo que tenha? Que vos ou nos importa isso? Que vos importa importarem-se? E assim sucessivamente?

Está o pessoal a ver que não são para brincadeiras estes esfíngicos irmãos. Quem não possui a audácia deles, sofre as negras atribulações do inferno, se quiser entendê-los. Porque ainda há mais esta graça: eles jogam ao jogo das escondidas e, dum momento para o outro, descaram-se a uma esquina, gritam-ú,ú, cá estou eu e confessam:- afinal nós estávamos a brincar; não temos filosofia nenhuma, foi só para entreter os ócios que demos pasto à vossa labuta de cigarras estudiosas e trabalhadeiras.

Mera bailação de formiga, como se verifica, até com o papel ao contrário, pois o paradoxo está-lhes na massa do sangue. Resta saber se, nestes entrementes, a paciência não terá já esgotado e se um sapato, um murro ou qualquer outro instrumento de arremesso não voará de encontro às ventas dos cândidos filósofos cínicos da nova era.

Mas acalmemo-nos, que os pequenos dão graça, no fim de contas, e amenizam a existência. E o descaramento maior ainda não foi dito: proclamam eles uma filosofia da vida, em flagrante oposição com as tradicionais, as antiquadas filosofias do saber.

Se se tratasse de mera audácia lúdica, bem estéril todavia, aceitava-se. Não são muitos nem ricos os caminhos da arte actual. E mais um, mesmo que só fizesse número, não aquecia nem arrefecia; logo, a audácia lúdica ainda a entenderíamos em obras de arte com mérito. Mas aproximar isso duma filosofia e duma filosofia da vida é de...

Calma, acalmemo-nos outra vez. Não vale a pena irritarmo-nos. Os meninos se encarregarão, por si próprios, de estoirar o balão. Evitam-nos esse desgoste e esse trabalho. Que a terra lhes seja leve.

Quero agora desenrolar uma outra ponta do novelo, para findar. Vem ela duma raiz longínqua, duma concepção de inteligência e de cultura que as confunde com títulos, posições ou solenidades. Quando alguns de vós, cínicos, logram de subir na chamada "vida" e no chamado "triunfo", a arrogância sobe-vos proporcionalmente ou na razão de 1 para muitos. Vós, os cínicos, anti-sociais por natureza, conseguistes o maior triunfo dentro duma sociedade ignorante. Ela adorar-vos-á, tende-la nas mãos. A carnificina trágica, então, encontrará os cordeiros mesmo nas tocas; nada mais fácil tem mais covarde.

Mas não suponha o cínico que por ocupar uma posição ou título, se vai livrar do imenso dever que a todos os homens incumbe: dever social, a mentalidade de solidariedade e apostolado, uma profissão exercida mais do que para ganhar o pão, para redimir a humanidade.

Sim, eu sei que é maçador isto de olhar para as misérias da sociedade em que vivemos e ter a obrigação de fazer muito por ela. Mas não és tu, cínico, que terás menos obrigação do que eu que o não sou.

Garanto-te que hás-de ir, a bem ou a mal. Pinta-te das cores que quiseres, mas de cal é que não o farás. E iremos, talvez ambos com bocejo e enjoo, libertar 500 milhões de bocas que neste globo terráqueo querem comer. Entenderás, isto? O teu irmão A. C.

\*

Inundados como estamos de lugares-comuns, representará o que se escreve um esforço permanente e atento de isenção.

Não me refiro a banalidades; essas oferece-nos a vida, o real. Refiro-me aos lugares-comuns, obra e pecado dos homens, por culpa do seu insincero viver em sociedade.

Desde o livro da 1ª classe que começa a instrução nas frases-chapa, fórmulas, frases feitas, lugares comuns.

Ainda hei-de tentar um dia, como obra de caridade espiritual que me parece ser, a elaboração de um dicionário de lugares-comuns. Bom contributo nos dariam certamente os livrinhos de instrução primária, secundária e etc., os magazines frívolos e para meninas, os famigerados «livros para crianças», as notícias elogiosas, os banquetes e conferências de individualidades, etc.

Ao contrário do que se julga, pouco se apuraria na linguagem das crianças, das que são maus alunos, pelo menos, que é onde podemos ainda encontrar espíritos não inquinados pelas baboseiras sapienciais dos mestres caducos; muito menos ainda entre a chamada gente inculta, analfabeta, cujo vigor de linguagem, colorido e concisão nos tem embatucado muitas vezes e dado baixo aos nossos fumos de literato.

O lugar-comum é obra dos cultos, ou antes, dos pseudo-cultos, nós todos, que somos instruídos, que nos documentos inserimos as «habilitações literárias», que nos distanciamos enfim do analfabetismo.

Com o primeiro ensinamento incutido pela nossa bondosa professora primária, começou nossa perca.

Quando será cada um dos nossos instantes literários, outra vez, apenas a comunhão perfeita connosco, o nosso encontro, o nosso achado?

Que alegria quando, depois de viajarmos tanto tempo tristes e desacompanhados, damos connosco e nos saudamos: «Olá, minha consciência, então tu és minha? Como os gorilas me fizeram mal! Foi da instrução. Mais valia a morte.»

Assim, de alma vendida ao diabo, puseram-me a fazer exame e talvez me tivessem botado distinção porque lhes soube papaguear as imbecileiras dos manuais.

Ó minha alma, minha doce alma, como eu andava triste sem ti! Agora te encontrei: vou começar a ser criança e, talvez assim, me deixem um dia ser homem.

+

*1-1 sábado, 3 de Maio de 2003- novo word - <cadernos-3-ej> escritos da juventude*

CADERNOS DE UM APRENDIZ – III

ASSÉDIO E RENDIÇÃO  
TESTEMUNHO DE UM APRENDIZ

1955

SOBRE PEDAGOGIA CRIADORA

Se tudo isto vos conto é para que continueis uma possível coerência.

... e como sou enfezado, estúpido e triste, o quiz mostrar , com as vicissitudes de quem, pelo espírito, venceu o que era , para dar algum dia, aos outros, o que não teve: saúde, inteligência e alegria

## MAUS ALUNOS E MEMÓRIA

Muito mal faz o mito da inteligência e da nascença privilegiadas, assoprado pelo comodismo dum maioria que se encosta à sua suposta inépcia e dos outros para justificar a inacção.

A inteligência, o raciocínio, o juízo, são funções psíquicas tão reais como as sensações, as percepções e as imagens. E não consta que alguém se sinta com mais faculdade sensitiva do que outro.

Evidentemente: há quem nasça cego, surdo, mudo ou com qualquer outro sentido de falta. Mas trata-se de casos patológicos, não constitui o comum dos mortais. Estas funções, menos nobres e complexas, é certo, exigem à mesma um cultivo, uma exercitação. E ela se efectua, involuntariamente, desde o berço. O mesmo já se não pode dizer do juízo, da inteligência e da imaginação criadora. São esquecidas, relegadas para segundo plano, em benefício da sempre idolatrada memória.

Andamos ao contrário, como não há-de andar o mundo de pernas para o ar; ou a lei das posições relativas fosse uma mentira. E assim andamos, a proclamar que inteligente é só lá quem é, poeta só quem nasce sensível, homem com cabeça, tronco e membros só quem viu a luz em berço de ouro ou nalguma poltrona da Academia.

E deitam-se fora os que não nasceram na prodigalidade.

\*

Criação é projecção subjectiva no objectivo e o enriquecimento anímico deste.

Criação é a adivinhação do essencial e do universal, no acidetal e no particular.

Portanto, o poeta lírico , por exemplo, mesmo que fale de si, fala do homem inteiro, digamos simbólico.

(Vidé Criação, Caderno 5)

\*

Talvez, talvez a obra criadora tenha de ser subjectiva(embora não bem no significado usual desta palavra). Mas então não concorrerá essa subjectividade para opor as obras, numa luta interminável de individualismos, cada dual o mais acanhado, mas para ir fecundar nessas outras obras, novas perspectivas (e receber delas, também, ângulos novos com que se enriqueça), num convívio fecundo, fraternal, compreensivo, tolerante, aberto, -- e principalmente ir sugerir, estimular, revelar vocações ou mesmo obras que estivessem á espera desse toque de comunhão, propicio e oportuno, como a flor espera o pólen para se regozijar de maternidade.

A obra criadora caracteriza-se pela força que comunica através de si e dos tempos, sem se esgotar nunca, antes, às vezes, ganhando com as várias eventualidades em que o tempo a coloca, como que a iluminando em recessos novos. Parece-me que esta característica de subjectividade compensa bem as desvantagens da falta de objectividade. A objectividade é alguma coisa, mas não é tudo.

(Vidé Criação, caderno 5)

\*

As obras de criação (embora a ficção me dê a sensação, ao lê-la, de que desperdiço tempo melhor empregue a ler pensamento puro) servem para revivescer o que a crítica

esquematisou e tornou árida. De permeio fica a atitude ensaística que se situa num plano pedagógico, de arte e de ciência, num plano de acção esclarecedora e criadora, (que mais não seja de hipóteses), servindo de amortecedor aos extremos crítico e criador.

\*

Repressão da tendência criadora (elan vital, vontade de domínio, poder de se perpetuar e de se desdobrar - gerar filhos ou escrever livros). A tendência criadora como prolongamento da força cósmica que impulsiona astros e universos. Essa é em nós. E em nós se resume, por ela, o universo.

A sociedade, por ser pequena é que não consente expansões além da sua medíocre mediania. A imprudência e a audácia criadoras não implicam desregramento nem relaxamento de forças; pelo contrário, a vontade assume a sua mais alta potência unificadora de todas essas potências espirituais. É centrípeta e não centrífuga.

\*

Em poesia, como expressão pura, o estilo é tudo.

A síntese voa, a análise rasteja. Por isso a linguagem sintética atinge a plenitude e a linguagem analítica vai tentando, como aqui vedes, pôr em palavras pobres e seguidas a ideia que o poeta definiu em meia dúzia de palavras.

Também o Panta Rhei é só estilo, proporcionado por uma linguagem cinematográfica não objectiva. No verbo está o espírito.

( Cf. Música, Pensamento e Educação).

\*

Note-se que não falo aqui do pensamento poético, mas tão só do pensamento crítico e filosófico. Naquele a obscuridade e o hermetismo desempenham uma função, fazem parte da sua essência.

É poético o pensamento que se refrange a um desenvolvimento dialéctico, quer porque ainda o não logrou, quer porque nunca o logrará (Poesia é profecia?).

De qualquer modo obtém-se em beleza o que se tira em lógica, o que não acontece no pensamento crítico, onde, falhada sua única razão de ser - a clarificação da ideia pela ideia - mais nada fica do que a prosa a empacotar o vazio.

Acreditar na poesia constitui um acto de coragem mental e de amor à libertação do espírito humano, à sua eterna inquietude. Ou vemos na poesia uma forma circunstancial, ou acreditamos nela como uma forma essencial. No primeiro caso vive ao nosso lado e nós ao lado dela, como um saco de cores vivas e vistosas onde se pode meter o mesmo que se mete no saco de cores menos cantantes, a prosa.

No segundo caso é uma modalidade superior de vida, integrante nela e à qual, como a vegetativa, se sobrepõe tudo, pois sem ela toda a vida espiritual seca.

O pensamento crítico é via, caminho, que andado e conhecido uma vez fica conhecido para sempre; pouco há mais a descobrir, excepto uma imensidão de pormenores, que é nisso a sua riqueza: uma pedra, uma erva, uma casa, etc.

Pensamento poético é fonte de onde mana, eterna, sempre água e apenas água, a essência da vida, e onde há sempre uma sede nova a satisfazer, sede que é anseio e satisfação que é descoberta.

\*

Parece prevalecer hoje, entre as correntes mais representativas e mais avançadas da poesia modernista e pós-modernista, a ideia de que poesia, poesia lírica pelo menos, é expressão de formas e não significação de conceitos; por isso pretende-se que não é obrigado ao poeta exprimir um pensamento original (ressalvamos a amplitude de acepção da palavra "pensamento").

Ao mundo como imagem corresponde assim um pan-expressionismo, fonte de toda a debilidade de que nade acusar-se a poesia depois de Baudelaire. Voltamos então à poesia mensageira dum ideário religioso, político, pedagógico ou moral? Ou outra saída se nos apresenta? Tateemo-la.

\*

Continua vivo e será que qualquer dos contendores esmoreça nas razões que lhe assistem, o debate cujo início se pede historicamente localizar em Nietzsche; dum lado, as correntes da existencialismo e as que em literatura, arte e poesia se lhe aparentam; de outro lado, a filosofia dialéctica e matemática, a razão e o seu primado.

Qual tem razão? Razão, tê-la-á, evidentemente, a filosofia crítica. Mas a pergunta a fazer talvez já não seja essa.

A pergunta é aquela imensa expectativa que a arte, a literatura e a poesia de nosso tempo formulam e que, pelo desdobrar de outras tantas interrogações e perplexidades, se desenvolve esteticamente e não já dialecticamente.

A si própria se responde, pois. Nisto radica um humanismo, isto é, não só uma filosofia mas um processo total do homem., que nem por ser menos racional é menos filosofia.

Daí as designações correntes e frustradas de «filosofia poética» ou «poesia filosófica», tentames de dar nome a uma realidade que se pressente a nascer mas que ainda permanece no limbo da intuição.

Até por isso a crítica de poesia se faz hoje , mais do que nunca , um perigoso pélogo de psitacismos que mais enleiam do que libertam a criação poética.

Nietzsche, precursor genial, falou do «uno primordial». Ao lado das suas transmutações, profecias e mitos, a lírica moderna aparece-nos como sofrendo de linfatismo congénito, embebida nos exercícios poéticos que aprendeu com o simbolismo e que repete até à saciedade.

A crise da poesia actual, se existe, é antes de mais crise de esforço reflexivo (não importa se dialectica se poeticamente ) sobre o mistério da inquietação e sobre a revolta.

\*

Antes de Nietzsche, falava-se de “espírito”, mas sempre o que vinha era separadamente(separadamente até mesmo quando se combinavam, sem se fundirem, no amplexo criador, na mesma estrofe, no mesmo livro ou até no mesmo poeta) a cabeça, ou o coração, ou os músculos.

O espírito continuava adormecido, à espera que o desencantassem. E Nietzsche trouxe a vara mágica: Zaratustra. Daí para cá poucos foram tão longe como ele foi.

Dizer-se, pois, que à poesia compete expressar formas e não significar conceitos, já não tem sentido, como a concepção actuante e vindicante do mundo como imagem já não é suficiente.

O aparelho de realização aí está, mas a funcionar no vácuo, sem matéria prima que elaborar. A criação de Zaratustra talvez ultrapasse de longe (apesar de Nietzsche não saber ainda que nascera um menino chamado Baudelaire) a mitologia do modernos líricos, excepto Pascoaes, mais imagística, efectivamente, parcelar e esparsa do que mítica ou simbólica.

A obra de Nietzsche vista a esta luz, parece-nos que revelará surpresas. Aliás só vemos quem se aproxime dela, armado com o sistema dialéctico de conceitos e preconceitos; não admira que pouco mais tirem do que as inevitáveis e ditirâmicas alterações contra o seu decantado imoralismo.

Ficou evidente que se não pede ao poeta poesia como significação, no sentido tradicional de significação lógica, dialéctica, conceptual. Mas poesia como expressão

não nos parece que avance no tempo. O poeta voltará a exhibir um pensamento original, sem que fique subsidiário dos filósofos lógicos, um pensamento que não será nem filosófico nem poético mas, se quiserem, espiritual, criação total de homem.

Não se preconiza, portanto, um retorno à poesia de passado, inteligível pela inteligência da razão e levemente corada de "beleza emocional"; terá de ser apreensível pela homem humano, pelo homem espírito, pelo homem total, sem cuja dádiva não há realização e apreensão possível do fenómeno poético nascente ou a nascer. Por isto me parece discutível a opinião de João de Castro Osório quanto ao modernismo como abencerragem do romantismo. O modernismo terá de ser um movimento autónomo, a ganhar o seu foral de futuro como já ganhou o histórico, visto que entrou na história da literatura, já, como qualquer outra escola.

\*

A alusão de Gide não se efectiva se, em vez de continuarmos a usar para a introspecção, e modalidade dialéctica, usarmos a modalidade criadora

Se toda a realidade é mudável e em devir, com mais razão se dirá isso da realidade psíquica (gestaltpsychology e a teoria de William James) e, portanto, mais desastrosa se verificará em relação ao seu estudo a modalidade estática por excelência que é a dialéctica.

O conhece-te a ti mesmo não servirá para que cada um estaque em contemplação do seu próprio umbigo. Se souber observar-se criadoramente, lá há-de encontrar essa mesma faculdade também como observável e portanto susceptível sempre de superação sucessiva.

É irradiante, transfiguradora, criadora e, por isso, o fito mais alto que toda a educação deve ter em vista. O homem quer realizar-se e só pelo seu perfeito autoconhecimento se realizará: mas nem sempre pelo conhecimento dialéctico pois há regiões obre que se exerce a reflexão absolutamente refractárias à modalidade dialéctica.

E quanto mais tarde isto se descobrir e praticar, mais tarde a educação enveredará pelo único caminho que não acaba num beco sem saída.

É de tentar, por muito difícil e aventureira que nos pareça a missão.

Palavras como: global, síntese, integrante, complexa, irradiante, unitária, etc. Vão desempenhar um papel fundamental na nova filosofia. Quando o indivíduo chega à adolescência, na altura de reconhecer o eu, é que se deve aproveitar para que ele se habitue a conhecer-se para se superar e não para estagnar.

Portanto aproveitar-lhe a instabilidade e insatisfação e revolta características para que desde logo sirva a modalidade criadora. Com esta reconhecer-se-á A mas logo desejará percorrer todas as gamas do A, passar a B e neste reconhecer todas as gamas, até ao infinito, até aos limites do génio que traga consigo.

O que é mais real, a observação ou a imaginação? O que traduzirá melhor a essência dessa coisa fugidia e até hoje ainda não definida a que chamam realidade? Confronte-se um romance de Redol com uma novela de Pascoaes. Dois estilos, duas mentalidades, dois critérios diferentes do que seja a novela, a literatura, a arte, o espírito.

Mas ambos merecedores de atenção, pois constituem caminhos convergentes para o mesmo objectivo: conhecer a intimidade do mistério que nos rodeia quer se chame existência, vida, realidade, universo, absoluto ou deus.

Intimidade cuja apreensão perfeita só da intimidade do criador (do poeta, do pensador, do cientista) receberá o beneplácito completo e que só por ela pode ser apreendida.

Quer queiramos, quer não, ainda resta ao homem a honra de ser o ponto de cruzamento dos vários meridianos da sua própria inquietação, quer eles passem pela

Lua quer eles passem pelo átomo. Ele os engendrou, neles se resolverão se tiverem de se resolver.

Mas voltando às novelas: estará mais próximo desse fito último, a novela de Redol ou a de Pascoaes?

Está a primeira, dirão uns, porque a fidelidade à observação reproduzirá fatalmente melhor a realidade, com a agregação doutros contributos como esse. Talvez, dirão outros, mas o critério quantitativo de empilhar elementos observadas parece-nos precário em coisas que só pelo qualitativo ganham sentido.

Pascoaes não foi fiel à realidade como objecto. Seria mais real a multitude de aspectos, de fragmentos, de aparências que ele se afadigasse também em coligir, ou a transposição poética, criadora, que ele fez sobre dados sensíveis com os dados elaborados da sua cultura? Mais carregada de substância anímica e, portanto, mais próxima da identificação desejada do homem com o universo, são os dados brutos, simples, repetíveis de Redol ou os dados elaborados, livres, originais, complexos de Pascoaes?

Porque a imaginação nunca se exerce fora da realidade e quando já de si essa realidade é infinitamente MIMO rica e complexa, nada admira que a parte daí provinda tenha alcançado uma profundidade e beleza maiores. Todas as concepções literárias ou artísticas são respeitáveis e até aceitáveis pelo que contribuem para o problema. Agora o que se pode discutir é a velocidade que cada uma leva para atingir o fito desejado por todas. Neste caso há que preferir uma concepção que nos leve a jacto e não a burro. Não é que tenhamos pressa de alcançar o infinito, nem que a eternidade esteja à nossa espera.

É que o finito acaba-se, o temporal também e a vida são dois dias. Se fôssemos outros que não homens, preferíamos a lentidão prudente de Redol à rapidez perigosíssima de Pascoaes (perigosa para quem não tenha o seu génio).

+

*1-4 - <cadernos-4-ej> escritos da juventude - domingo, 4 de Maio de 2003*

#### CADERNOS DE UM APRENDIZ – IV

#### O POETA (APRENDIZ) E OS OUTROS

(Para quando me acusarem de vaidoso ou narcísico)

Não quero com o que vai seguir-se justificar-me dum provável defeito que provavelmente muitos verão nestes apontamentos feitos na primeira pessoa do singular.

Os conceitinhos de moral usual são suficientemente numerosos e complicados para que me preocupe com eles, até por simples interesse especulativo. Por isso vou falar da vaidade, não para preparar terreno de indulgência aos possíveis envaidecimentos ou atitudes vaidosas que os esquadrinhadores moralosos quiserem descobrir neste meu livro, mas para apurar os conceitos correntes dele que nem sempre são os mais exactos e isentos de contradições.

Para muitos a atitude lírica é vaidade. Isto quase que nem merece reparo visto que a ignorância transparecida em tal acusação invalida-a como critério de mínima consistência numa apreciação inteligente dos factos.

Direi só: se o lírico fala de si ou da sua experiência e se isso constitui vaidade, abençoada vaidade, que nos tem dado as mais belas páginas de poesia. É que contra isto não há criteriozinhos de vaidade que vençam.

Mas todos sabem que o lírico não fala de si, fala em si os males ou bens, as alegrias ou as dores da existência.

Para outros é vaidade a confiança no mérito próprio.

Se se foge às ocasiões em que nos elogiam um qualquer feito (sempre mesquinho, sempre imperfeito, sempre insuficiente para a sede de superação do poeta) chamam a isso falsa modéstia, isto é, uma forma hipócrita de vaidade.

Se falamos com entusiasmo dum pequeno e relativo triunfo conseguido( mas grande pelo entusiasmo, pela força de intenção que o animou, pelo ideal largo e aventureiro que o animou, pela necessidade de confiança em si necessária), chamam-nos declaradamente vaidosos.

Nunca se sabe. E asneira fazem os que muito se preocupam em andar coerentes com a incoerente e balbúrdiosa moral que os ineptos, despeitados e vaidosos arranjam para complicar a vida dos outros, dos poetas, neste caso.

Confiar em si, alegrar-se com o triunfo conseguido na luta titânica da realização do ideal artístico que ferve na alma, não é vaidade. E tanto mais que o poeta (sendo um verdadeiro homem moral, íntegro, e, antes de mais, consciente) saberá ser tão pródigo de aplausos para outras obras (sejam de poesia, sejam do que for) como para as suas. E nisso terá quase um prazer tão grande como se de coisas suas se tratasse. É esta comunhão dos "*beaux esprits*" (traduzo "bons espíritos", se me dão licença) que os medíocres não compreendem nem suportam, tão afadigados e enfurnados andam sempre no rancor, no ressentimento, na inveja, na impotência, na inconsciência, na vaidade real deles próprios e suposta dos outros

Vaidoso ( e não conheço tipo de vaidade mais execrável) é que só se valoriza a si, a seus empreendimentos, a suas ufânias, a suas pequenezas. À roda de si nada mais vale, pior, nada mais existe ou vale a pena existir. Conquistariam o mundo só com um arrote,

Enchidos de si próprios não podem amar o valor dos outros, não podem compreender a alegria dum consciência lúcida quando um êxito merecido coroa outra consciência lúcida, generosa, queimada de ideal! Porque a esses unem-nos as coisas da beleza, da poesia, da autêntica cultura. Se muitas coisas os separam ao nível humano, uma só e grande os une: a consciência una de serem todos um só.

## COERÊNCIA

Aquilo que digo noutra lugar deste livro respeitante à vontade e que pode parecer uma vaga hipótese, obtém com estas páginas uma confirmação prática adequada.

Apliquei em mim próprio a teoria e ainda está a decorrer o resultado da experiência e a própria experiência, não sei se bem se mal sucedida.

Disse que inteligir (no sentido de auto-esclarecer, de tomar consciência) é actuar.

E de facto aqueles que obedecem ao que é, ficam muito ufanados do seu senso das realidades e riem-se dos lunáticos que procuram tender para o que deve ser. Mas o deve ser destes confunde-se já com um ser, pela razão apontada. Quem exerce um constante esforço de auto-esclarecimento, acaba por confundir a vontade explícita ou implícita no procedimento, com a própria consciencialização desse procedimento. Os comodistas continuarão a preferir o ser ao deve ser. Mas o ser estático, inevitável, fatal, é invenção da sua invencível preguiça, já que lhes custaria muito caro não só exercerem sobre si um supervigilância crítica, como terem de suportar as consequências quase sempre bem amargas dum consciência consciente e coerente consigo, revoltada forçosamente contra as fatalidades(afinal os mil e um preconceitos dos vários meios: social, religioso, político, escolar, etc.).

\*

## DO MEU INÊXITO NOS ESTUDOS E POSSÍVEIS EXPLICAÇÕES

(No jardim). Passa um amigo de que não me lembro o nome mas em que reconheço um antigo companheiro do liceu de Beja.

Ele pergunta:

- Então ainda estudas?

- Eu estudo sempre. Será possível viver sem estudar (relanceia-se-me a fronte inteligente de Antero e envaideço-me). Tu é que deixaste de estudar, não?

- Estou nas finanças.

- Pois eu foi preciso sair do liceu para conseguir estudar.

O amigo lá vai, rindo, com gosto, do despropósito.

\*

Todas as justificações, porque posteriores aos acontecimentos, são tolas. Contra factos não há argumentos.

Exemplo: posso dizer que a única disciplina do 7º que tenho é Literatura, porque não me consegui enfronhar em mais nenhuma e só tinha vocação para aquela. Mas os outros dirão que eu só passei a Literatura com o intuito de mostrar que era aquela a minha vocação. E por se tratar de disciplina fácil, propícia à "palha" e ao engendro. Mas fique-se o observador imparcial no intermediário, pois é o que mais se aproxima da verdade.

\*

Não tenho notas de aproveitamento para apresentar. E como receio que me considerem e chamem preguiçoso, esforço-me por mostrar as minhas notas: o que escrevi, publicado ou não. Os outros supõem que o faço por exibição. É triste. Os outros exibem, como glória e honra, o seu êxito, o resultado do seu trabalho dum ano e com legítimo orgulho o fazem. São respeitados e considerados.

Cumpriram seu lugar na sociedade, sentem-se prestáveis e dignos.

Eu, escondido das vistas alheias, pratico o meu crime : escrever.

E envergonho-me de o mostrar. Se o tento, passo os infernos a justificar-me, a desculpar-me, a dizer que foi um equívoco. Consideram-me petulante, se faço por exhibir também as minhas "notas de aproveitamento» que foi o que consegui ver publicado e, assim, valorizado, classificado como nas pautas das universidades. Consideram-me inútil, louco, ocioso e insociável se escondo o que escrevi e não faço por publicá-lo. Vamos: não interessa o meu caso por mim. Interessa pelo que reflecte a organização desastrosa [ ]

\*

Desde muito cedo que a nós (a mim e ao Pedro Reis dos Santos) nos preocuparam as coisas da cultura e da educação nacionais, pondo sempre em primeiro primeiro plano a Rádio, como meio de conseguirmos realizar esses desejos e sonhos.

Quisemos construir um engenho, de maneira a transmitirmos audições da casa do Pedro para as casas vizinhas. Pensávamos que estava aí o princípio duma acção mais vasta e mais perfeita. É claro que nada fizemos, mais do que perder tempo, ligar um microfone roufenho ao aparelho da casa de fora, escrevinhar uns planos muito débeis, intitular a "associação" com nomes assaz expressivos e sonhar numa publicação a duplicador que faria a nossa glória alargando o nosso raio de acção até limites incomensuráveis. Entretanto uns amigos desdenhosos, meio incrédulos meio convencidos, iam-se juntando e formando, de facto, um grupo.

Vinham noticias longínquas dum tesouro: a Emissora do Liceu de Pedro Nunes e que nos parecia a meta de todas as nossas ambições; chegados lá, teríamos vencido tudo e achar-nos-íamos finalmente vencedores.

Entretanto eu escrevia coisas como esta:

" Portugal precisa de ser reabilitado e trazido de novo às glórias que fizeram muito do seu passado. 1º- passo tornar o povo culto, missão interrelacionada com a educação e a pedagogia.

IMPORTANTE: "Surpreender neste momento em cada camada social, senão em cada indivíduo, o seu poder de receptividade para a reforma que urge. Depois ou simultaneamente – actuar por todos o meios possíveis."

Imaginou-se um boletim e para ele um objectivo que não chegou a ter mais companheiros; ficou só.

"I Objectivo: Receber na rubrica do Boletim "Problemas da Cultura" os depoimentos (relatórios, investigações, casos significativos, estatísticas, observações, etc de todos quantos em território metropolitana, insular e ultramarino trabalham, tantas vezes ingloriamente, no propósito de manterem viva a cultura e todos os valores espirituais afins:

a) Serão registadas todas as comunicações que respeitarem às apreensões, dúvidas, alvitres, sugestões, estudos, investigações, constatações, etc. desses trabalhadores do espírito.

b) Serão também convenientemente atendidas e apreciadas as comunicações que por qualquer motivo não possam ser publicadas ou que o próprio autor não deseje ver publicadas."

Nada mau. Já então previa a audição destinada a professores primários rurais, a todos os que nos centros distantes se ocupem de manter viva a chama da cultura, mesmo que essa cultura seja a elementar.

E já falava no Ultramar, previsão do plano ultramarino que tenho em ideia.

E nem vale a pena falar daquela terrível ambição de criar uma revista europeia. Nem mais, nem menos: uma revista europeia que atendesse às necessidades que Ortega y Gasset achava por bem atribuir à Universidade. Disso hoje pouco ou nada posso aproveitar. Continuo sonhador mas não tanto como naquela altura. No entanto já era o princípio do gosto pelos problemas da U.N.E.S.C.O. e da sua publicação gigante sobre os meios de informação mundiais. Se procurar bem, lá estará o germe do que hoje já consolidado numa ideia menos ampla mas mais segura.

De permeio com tudo, desesperava às vezes e lamentava-me assim:

" Em regime ditatorial pode ser tudo impeçável; há, no entanto, uma coisa que nele não é permitido e que se torna suficiente para o condenar: a iniciativa particular! (deveria querer dizer a falta dela)

" Tudo tem que estar submetido às regras que ele estabeleceu e actuar de acordo com elas"

O problema do DINHEIRO-CULTURA já começava a andar na baila, a apoquentar-me:

" Temos primeiro as necessidades materiais e, portanto a ECONOMIA neste ponto comanda. Quando ao homem já não o preocuparem exclusivamente essas questões, vêm imediatamente as outras já de ordem espiritual. É aí que começa a necessidade do jornal. Daí para cima há miríades de cambiantes. São esses mesmos que interessa estabelecer para nos começarmos a guiar."

Como se vê, uma ingenuidade muito colorida...

Mas agora é que eu falava verdade; ora ouça-se:

"Devemos encontrar no caminho bastantes detractores que nos entravarão a marcha. Mas isso é a condição de todas as obras úteis e até a prova da sua vitalidade e potência. Se eles atacam é porque alguma coisa lhes dói -- talvez a sua preguiça incomodada ou os seus credos abalados. Mas se nós soubermos que lutamos por um princípio

construtivo não nos importarão esses pruridos que deverão passar longe. É mesmo essa a nossa maior vitória. Levar à derrota os princípios falsos, e reconstruir e criar os que são úteis para todos e que podem ajudar a construir um Mundo Melhor.

As ameaças e os cepticismos também não contam para aqui. De velhos do Restelo está o mundo cheio e só quem se arrisca pode ganhar. E nós ganharemos se persistirmos.

Palavras muito do meu desagrado nesses tempos: frivolidade, idolomania desportiva. Já então havia corpo central e componentes e já então se preconizava o afastamento total do jornal das "paixões políticas e religiosas".

FIM DESTE CADERNO Nº 4

+

<cadernos-5-ej> escritos da juventude

CADERNOS DO APRENDIZ  
O ÂNGULO DO APRENDIZ

O ângulo do aprendiz pode ter muitos defeitos, mas sem ele não teria até hoje escrito uma linha, o que para os outras poderá não ter importância, mas a tem, pedagogicamente, para mim.

Não têm estas páginas valor nem préstimo de espécie nenhuma, à luz dos doutores objectivos, que nada vêem do que destoa das dioptérias das suas lupas.

Mas têm, subjectivamente, o mérito de me ajudarem a ser o que sou, a romper a muralha de preconceitos e ideias feitas, as lunetas objectivas, mas sempre as mais estreitas, mesquinhas, míopes para tudo o que não seja o que já conhecem e por isso aceitam. Eis o soberano objectivismo, que tudo mata, tudo anula, tudo exclui, só porque se inspira na razão, se encosta à lógica e se jacta de fórmulas matemáticas.

A nova superstição! A mística racionalista, cientista, positivista!

Começar humildemente o aprendiz a tactear o seu caminho próprio, que não pode ser igual a nenhum outro nem servir-se das rotas já servidas (porque ao homem compete criar, mesmo que seja um só milímetro, em vez de reproduzir, nem que sejam quilómetros, criar para merecer a obra da Criação, criar pouco, pouquíssimo mas criar, marcar a sua presença, mínima, pequeníssima, mas sua e outra igual não existiu, nem existe, nem existirá jamais), tentar o jovem, nos alvares da adolescência, em que o eu se exalta a anunciar-se como o único caminho (fosse de "egocentrismo e narcisismo", como depreciativamente a classificam os doutores que põem nomes feios nas coisas que não conhecem), conhecer-se para superar-se, conceber-se e para isso interrogar-se em todas as direcções, mesma as proibidas, as impedidas, as ocultas, a isso chamam os científicos nefanda, vaidosa, egoísta, soberba mania.

Quando, na adolescência, um vago instinto do que queremos e poderemos ser origina os conhecidos "devaneios da idade", olham-nos os que sabem muito, os que sabem tudo, com maternal prudência:

- As verduras da mocidade hão-de passar, têm de passar. A adultez lhes ensinará a ter juízo.

Oh! ajuizados senhores, carrascos da minha adolescência (e não só da minha, da de meus irmãos, passados, presentes e futuros, que, por mais sensíveis, sofreram mas calaram o sofrimento, que aos outros isso lhes não fez moça de maior), descobristes já que valor científico têm esses verdores, essas in experiências, esses devaneios? Sim, in experiências, um agarrar desesperado daquilo que nos foge (nós próprios a fugir de

nós próprios) e para cuja cura vós dais - o quê, piedoso Deus? - os vossos manuais elementares de todas as ciências do universo, todos com índice no fim e com muitas edições revistas, refundidas, remastigadas. E como é vossa a ordem do mundo ( a ordem?) legislais:

- Recolhei os vossos diários íntimos, as vossas cartas de amor e de amizade, o sarampo dos vossos primeiros versos, tudo, tudo o que lembre o nefando eu - o infame! Fazei-vos adultos sem terdes sido crianças, nem adolescentes, nem jovens. É proibido brincar! É proibido amar! É proibido viver: Odiai a beleza, o amor, a vida. Odiai, odiai, odiai...

Já muitos livros de ficção fizeram o processo da nosso "educação" juvenil, mas fazem-no daquela forma indirecta que atenua a acusação, como se a ficção não fosse o espelho do realidade. Mas aqui o aprendiz não é nada "objectivo", nem romancista, nem dramaturgo, nem cientista, nem filósofo, nem moralista. É um aprendiz, anónimo, vulgar, que nem sequer sabe que antes dele já existiu o autor de Emílio e das Confissões (fonte de toda a pedagogia moderna, senhores pedagogistas, por muito que o não queirais).

E quando se queixa, queixa-se assim, sem ser pela boca de qualquer personagem crítico, fabuloso ou imaginário, mas por sua próprio boca, que ele tem uma única boca por onde come, reza e escreve. É uma queixa sem forma literária, que não foi transmigrada, nem remordida, nem encolhida. O aprendiz não tem medo dos visos pessoalistas e das susceptibilidades que entre literatos pode semear. Não, não sabe abstrair dessa condição única, irreduzível e plena de ser apenas um homem que sofre e por isso se queixa. Mas também um aprendiz e que por isso não reduziu o seu lamento a suspiros mas o dominou e o entrega agora, em forma de testemunho, aos condotieri da humanidade.

+

*1-5 - <cadernos-6-ej> escritos da juventude - domingo, 4 de Maio de 2003*

## CADERNOS DE UM APRENDIZ NOS MEUS VINTE ANOS

[ 1954]

Esta moral de família tem a sua graça. Os deveres inúmeros a que é preciso atender, não me deixam respirar.

É o falar na rua a todas as pessoas que me conhecem mas que eu não conheço, tormento para que não consigo encontrar uma solução: ou falo a cada pessoa que encontro e tanto falo às que me não conhecem como às que , de facto, me conhecem; ou falo só a algumas e essas podem ser exactamente as que não me conhecem; ou não falo a nenhuma (ou só aqueles que conheço) e ficam muitas que me conhecem e a quem não falo. Assim fui ganhando fama de estúpido, bicho do mato, etc.

É o ir visitar , com regularidade, as capelinhas da família e gente mais chegada à casa, quer quando há, quer quando não há gente doente, e de doença grave ou sem importância.

Se me esquece ou acho que merece mais a pena ficar em casa a tratar da minha vida (é uma blasfémia eu falar na «minha vida», todos acham mentira e escandaloso que eu tenha a «minha» vida e os «meus» problemas) ou de que serei mais útil aos enfermos se

não for mais uma das visitinhas que o vão maçar, quando o que ele precisa, talvez, é de sossego, nova série de vitupérios me são metralhados em cima.

É a exigência de que esteja e fale nos problemas que lhe interessam quando eles nunca fizeram o mais pequeno esforço de compreensão para os meus problemas, nem quiseram jamais saber do que importava mais à minha vida.

\*

## AINDA O SUICÍDIO

Por estas e outras razões, a vida já não tem para mim nenhuma razão.

Mas continuarei a viver, porque há quem precisa de mim.

Precisam de mim os pobres desamparados que morrem de solidão e de fome.

As crianças que, mal nascem, entram num seminário e aí se enforcam de desespero.

Os que foram metidos num internato e aí estragam a vida que Deus lhes deu e que só à glória de Deus, libérrimo e belíssimo, pertencia.

Os oprimidos que nunca chegam a encontrar-se, num destino que é seu e que lhe roubaram.

Os pobres de espírito que sofrem as seduções dos monopolizadores de consciências.

As vítimas da hipocrisia social como aquelas que o filme *Persianas Corridas* revela.

As vítimas da ignorância e que sufocam num mar de mediocridade o sopro de beleza ou de bondade que podiam e queriam dar ao mundo.

Os que continuam a ser recrutados para as violências do serviço militar, apesar de levarem os pulmões desfeitos e a esperança desfeita neles (o que iria a enterrar com ele, quando os enterrarem com um telegrama à família informando que o jovem morreu no serviço da pátria, dum ideal superior portanto...).

Os que continuam a cair varados nas frentes de batalha por iniciativa de imperadores que resolveram brincar (ou recordar como se brincava) aos soldados e às guerras.

Os oprimidos que, por nascerem pobres, terão de suportar uma vida inteira de rastejo, quando trazem em si asas que nunca a miséria deixará desentranhar, ficando-lhe metidas na pele, como punhal de traição.

Os que não podem reclamar justiça por não terem notas de banco com que subornar os advogados de acusação nem comprar os de defesa.

\*

Parar no meio desta missão a que me obriguei é suicidar-me, virtualmente. E ao suicídio virtual tem de seguir-se, como sua consequência inevitável, o suicídio real.

E assim a sociedade que me segregou e, inevitavelmente, me iria levar ao suicídio, dá-me, na esperança de a tornar melhor para os outros que vierem depois de mim, a justificação para continuar a viver, contra a sociedade de hoje, real, a favor da ideal sociedade de amanhã.

Deixar que os outros porem, os felizes, os gozadores, os vivedoiros, é suicidar-me, também. Por isso a minha missão de apostolado e de proselitismo é de religião, quase, religião de humanitarismo.

\*

Mais razões porque não me suicido.

Se a vida fosse só esta que nos obrigam diariamente a viver e em que todos encontram suficientes motivos para a viverem, adorarem e superlotarem de gozos os mais desvairados, se a vida fosse só essa, não teria hesitações no suicídio.

Mas a vida é ainda o mistério e o génio de alguns homens geniais, acima de quem eu não posso ter a pretensão de alcançar.

E, portanto, só depois de dominar esses cumes, como domino a lama cá de baixo, podia achar ou não razões para o suicídio. Portanto, a única coisa legítima a fazer é escalar essas poderosas criações do génio humano, o mistério da poesia, o pensamento filosófico, as artes, as letras.

Quanto ao suicídio virtual, ele só se consumará se eu conseguir a completa coerência que é também a completa independentização com o mundo e os homens. Para essa coerência tendo sem a atingir, pelo que tendo para o suicídio virtual sem o alcançar.

Novembro de 1954

Outra razão porque não me suicido: para que a organização judicial seja cada vez mais humana e mais reeducativa. Para falar em nome de todos aqueles que sofrem injustiças e que não podem revoltar-se nem falar por ignorância da própria situação aviltante, por impotência e incapacidade e falta de meios de expressão.

Todos aqueles que não podem fazer ouvir a sua súplica, o seu protesto, a sua revolta terão em mim a cobaia.

Para lutar pela indistinção racial.

Para lutar por todos os direitos do homem (especificá-los).

Para criar condições aos homens livres (escritores, poetas, artistas, pensadores) de respiração cultural.

\*

Detesto a vida mas algumas raízes me agarram ainda a ela.

Acho-a absurda mas inúmeras razões me convencem de que vale a pena vivê-la.

Entendo que não devemos ficar parados. Os que podem têm deveres a cumprir, deveres para com os outros homens seus irmãos. E pensando em todos, os que conheço e os que nunca vi, encontro aí a força para caminhar e a obrigação de fazer, de trabalhar, de sofrer, até, se for preciso.

Mas nem sempre dou esmola a um pobre que encontro na rua e arranjo várias explicações que nada explicam. Mas não me decidi a dar um pequeno contributo para aquela mulherzinha que o Carlos [Alberto Jordão?] visitava em Évora como membro da Conferência de S. Vicente de Paulo.

Imagino realizações e revoluções imensas para um futuro mais ou menos incerto. E não satisfaço as exigências reais e próximas que a vida apresenta.

Não me percebo. Chego a duvidar da pureza das minhas intenções e a desesperar de fazer um dia algum bem.

É certo que tenho lutado alguma coisa. Tenho-me dado com entusiasmo à Emissora [do Liceu Pedro Nunes] e pensava cumprir ali um ideal alevantado.

Continuo no fito único de luta por ideias, de pregar pela cultura.

Quando encontro um pobre muitas vezes não lhe dou nada, pensando que hei-de escrever panfletos contra a desigualdade social.

Afinal tudo é egoísmo. A minha luta pela cultura não passa de um engano ao absurdo da vida, tentativa para o esquecimento de mim próprio e para minha tranquilidade.

Não é para os outros que eu desejo o bem mas para mim. E finjo muito bem fingido o meu papel.

Onde irá isto dar? Oxalá fosse dar com a cabeça numa parede e findasse tudo: estes compêndios que abomino, a doutorice que não quero (ou não posso?...) e a dolorosa e doce complacência dos meus pais que querem o filho com um futuro, com uma posição que lhes honrasse os cabelos brancos e a velhice próxima.

Como recompensa para essa sua infinita condescendência e para o seu amor, eu dou-lhes preguiça às lições, um ano já chumbado, a morna cabulice destes dias e o divertimento de escrevinhar parvoíces e inutilidades para a vaidade da Rádio; dou-lhes

um sonho nebuloso que é uma tremenda e completa aldrabice; dou-lhes o pouco juízo com que não consigo arranjar-me para cuidar do ganha-apão.

Em que parede irei estojar com isto tudo? É o vais. Até covarde já sou (já?...). Arrimo a desculpa de que seria um choque e uma pena lá em casa se eu desaparecesse. Caso contrário verias o que era um rasgo heróico. Que pena!

E por isso que não me deito a nenhum gesto heróico. Senão havias de ver...

\*

## PARA O MEU IDEÁRIO [ CARTAS AO ESCRITOR ]

A minha libertação consiste apenas nisto: estudar de iniciativa e vontade próprias para escrever e realizar-me escrevendo.

Bem sei que me dizem: Mas enquanto tiras o curso e como um derivativo, uma distracção, poderás ir lendo uns livros para te «instruïres» e escrevinhares umas prosas.

Aí começa o engano dos outros e, conseqüentemente, a minha submissão. Não é como suplemento do estudo obrigatório que eu quero esse outro estudo desinteressado. E nem para me «instruir» e escrevinhar. Esse estudo é outra exigência mais forte e que sai dos limites do estudo vulgar. Se é a minha vocação e o meu destino! Se cada um pode ou deve seguir a sua vocação porque não hei-se seguir a minha? Uma dúvida: poderei não passar dum escritor medíocre, o que poucas ilusões me deixa para querer ganhar dinheiro com tal actividade.

Mas mesmo que viesse a ser um escritor de nome? Quem pode viver só dos livros que publica? Isto não falando das incertezas e contrariedades que se põem a todos os que desejam publicar os seus trabalhos e fazem parte da própria aventura, que são as vocações de criação, aventura arriscada que pode custar a vida ou o sustento a muitos. É outra expectativa que não me esfria o entusiasmo.

Como já vimos, não há possibilidades de viver da publicação raquítica de um ou outro livro, sempre na eminência de ser medíocre, produto de um talento fraco, o que ninguém pode prever e o que não é razão para condenar o seu autor.

Pode-se nascer artista mas artista destinado ao fracasso. Em todas as profissões é assim. Com a diferença de que nessas há outras forças que não são as do próprio valor e merecimento. Pondo de parte essas apreensões, talvez me fique uma solução. Não há os que ganham a vida [ ] sem doutoração, sem cerimónias bezuntadas das cátedras e outras.

Mas é pelo menos um modo de vida que serve à minha obsessão de actualidade, de sentir bem real e bem perto a humanidade de hoje, de contactar com as massas que prometem cometimentos espantosos, de levar a todos os recantos a informação e a cultura, o grito da nossa época.

É pelo menos a solução que reúne a satisfação dos meus ideais: escrever e com isso realizar-me, servindo a humanidade, através da informação, num caminho de actualidade, para um objectivo de paz.

Mas o que posso fazer neste país pequenino? Nem uma escola de jornalismo há. Nem a profissão é considerada como tal. Nem as remunerações são suficientes para não se morrer de fome.

E aqui não acabam os meus maiores desejos, a minha única vocação com que esqueceria um cepticismo sempre pronto a fazer estragos nos momentos de desânimo?

É simples a minha libertação. Mas tão complicada como só a sabem tornar as malhas apertadas em que se respira neste país.

\*

## O POETA E OS OUTROS

## SOLUÇÕES – CONDICIONALISMOS SOCIAIS

A raiva do teorizador social quando alguém se lembra de não aceitar a felicidade que ele lhe concebera e planeara!

Todos os sistemas normativos que ambicionam dar a felicidade ao mundo merecem-me o maior desprezo e, simultaneamente, a maior simpatia.

Simpatia pela indiscutível boa-intenção e boa-vontade que os anima ao serviço do bem comum ou individual das gentes.

Desprezo porque na uniformização que necessariamente advém desses sistemas, ficam enterradas as excepções que afinal dão valor e encanto à vida. As excepções, quero eu dizer, as ovelhas ronzosas que não deixam sair com a limpeza sonhada a realização da teoria ou do conselho que se oferecia.

Pode ser que o poeta não deseje para si a felicidade ou felicidade nos moldes em que lha querem dar. E então o edificio ameaça ruir pois, embora todos desejem a segregação do poeta, ele, mal ou bem, desejado ou indesejado, continua a fazer parte da sociedade e a intervir nela. Assim um seu movimento discordante afectará ,necessariamente, o conjunto. Daí a luta. Daí o drama para o poeta e a preocupação do homem comum em o perseguir ou linchar.

Não falo da felicidade que melhor se designaria por bem-estar material. Essa parece-me justo que se procure para todos e que todos, poetas ou não, gozem dela. Mas o que muitas vezes acontece é o poeta não desejar já essa felicidade(mesmo essa) quando de nenhum modo o deixam plenamente viver, com dignidade e independência, a sua poesia, a única que, afinal, no curto transe da vida, lhe interessa (talvez seja aproximadamente este o sentido dos meus versos – arranjem-lhe um título!).

Há que escolher um procedimento. Nada de regras fixas para tomar a horas fixas. Nada de códigos prevendo todos os casos - e faltando-lhe outros tantos que não previu. Nada de leis ou de imperativos categóricos, complicados em sistemas filosóficos e ramificados . Coisa bem mais terra à terra, mais para uso prático e directo , par, mais para conduzir sem grandes sobressaltos nem prejuízos para a sua poesia, na tortuosa vereda onde o meteram, o poeta, desamparado nesse caos monstruoso que são as regras morais de uso prático e vulgar.

Talvez os optimistas estejam na razão. Eu não me aventuro. Conjecturar já é arriscado; sobre hipóteses ainda o é mais.

Outra maneira menos negativa, mas relativamente a mim mais utópica, menos acessível de actuação imediata e directa . Cumpre-me fazer alguma coisa para que os homens mais infelizes do que eu sejam tão felizes como eu (bem-estar material, ainda).

O poeta dirá, pois: deixem-me ser o que sou, deixem-me ser poeta e não me importo de ser o mais infeliz, o mais desgraçado, o mais miserável dos homens contanto que com isso todos os outros se instalem em conforto, saúde, dinheiro, etc .

Deixem-me ser poeta e serei o lutador, o apóstolo mais entusiasta dos humildes.

O poeta põe a poesia acima da vida, visto que sem esta de nada lhe interessa aquela. Mas logo abaixo da poesia põe, com certeza, a preocupação de contribuir para um mundo melhor: mais justo.

Porque não há nada que fira mais as consciências (de poetas e de não poetas) do que as expansões líricas (sempre tão "alheias" da vida:...) ao lado da vida tantas vezes sórdida, miserável, incrível dos humilhados e ofendidos. Com a barriga vazia não há ninguém que lhe apeteça rimar trovasinhas, argumentam muitos...

Ainda quanto a isto não há dúvida que há uma hipótese optimista irresistível: aquela que prevê o trabalho manual substituído por uma crescente mecanização e a conseqüente disponibilidade dos espíritos para ascenderem às conquistas da cultura.

+

*1-13 <cadernos-7-ej> escritos da juventude- domingo, 4 de Maio de 2003*

## CADERNOS DE UM APRENDIZ

### COERÊNCIA ENSAIO E TESTEMUNHO

Letra e espírito . Preocupação de que diga coisas e não apenas comunique beleza que é a criadora de capacidades na criança.

Aliás, reside neste problema (o merecimento da cultura , ou seja, a consciencialização progressiva, de conquista do homem ao que é) o fulcro de toda a minha pedagogia criadora, o melhor de todo o humanismo criador.

\*

Dos jovens em geral , passo àqueles que resolutamente marcaram o que querem e tentam alcançá-lo. Cito também obstáculos.

Depois é a segunda parte deste ensaio: introduzida por uma teoria da linguagem escrita , vou dar a minha ideia sobre alguns dos termos já empregados, mais importantes, ou a empregar.

\*

Finalmente, um apêndice com documentos elucidativos e dados de observação mais importantes e bibliografia e citações e ultimas notas.

\*

Procuro três sínteses capitais:

A de reflexão e acção, sem ter que sacrificar uma à outra como fazem os activos (que sacrificam a reflexão) e os reflexivos (que sacrificam a acção);

A da cultura e vida, pondo a arte na educação e a educação na arte [ Herbert Read]

A de letra e espírito.

\*

Um acto de confraternização com outros jovens.

Mostrar o que custa a um homem (poeta ou não) ser coerente consigo e realizar-se no seu destino , «ser o que é” [Nietzsche].

Mostrar àqueles que podem servir-se dela (por mais novos ou por não lhes surgirem as mesmas oportunidades e circunstâncias) a minha experiência.

Apresentar , como ilustrações exemplificativas, páginas de criação e reflexão.

Apresentar planos de propedêutica.

\*

12-3-1953

### HOMENS E REGIMES

Claro como água : sobranceiros aos regimes devem estar os homens. Aqueles serão o que estes forem, dependentes da interpretação e cumprimento que estes lhes derem.

De forma que pode parecer , à primeira vista, que um regime é melhor do que outro quando o que há é, apenas, governantes melhores do que outros em regimes bons e maus.

O bom governante no bom regime é que se pede. Não o bom governante (que é episódico, lá quando a sorte o faz aparecer) no mau regime.

Porque aquele passa, morre e pode ser que venha a ser mal substituído. E então se verá como não era bom o regime, mas somente o governante (isto em governos totalitários, evidentemente, onde tudo depende dum só)

12-3-1953

\*

Coerência (livro)

Partes :

Propedêutica

Apostolado

Máximas

Casos ou exemplos confirmativos

Testemunho

Testamento

\*

Poderão Acusar-me duma mentalidade escolástica? Por querer renovar o problema da conciliação entre razão e fé? Por querer a unidade do espírito? Pela dialéctica que uso desligada das realidades? (Mas haverá para mim realidade mais forte , impositiva que a própria pele?) .

Dialéctica: Hegel, Platão, Aristóteles, Kant

\*

Gostaria de escrever a história da liberdade humana, em que mostrasse como os nobres de espírito suportaram todas as tiranias dos medíocres. Afinal a grande luta, a grande epopeia que redime a humanidade.

Paralelamente ficaria traçada a historia da mentira humana e da tirania humana.

Usaria talvez de processos um pouco diferentes dos usuais e que se consideram obrigatórios. Em vez de história talvez preferisse escrever a epopeia da liberdade humana, título este mais exacto pois usaria mais um critério de criador, de poeta, que de vulgar historiador. Mas nem por isso alienaria a verdade histórica. Uma epopeia em que utilizasse todos os recursos da expressão humana, expressão verbal, pois é esta a única que posso ter pretensões de vir a dominar um dia com algum saber e autoridade.

Uma epopeia de tal amplitude não se poderia cingir como, por exemplo, Os Lusíadas, a versos endecassílabos e estâncias normalmente distribuídas.

Utilizaria todas as formas: prosa e verso, comédia e tragédia, drama em prosa e em verso, poesia lírica e narrativa e satírica, crónica, reportagem, etc.. Não recuaria diante das maiores extravagâncias, desde que atingisse com elas o nível necessário a um empreendimento como esse.

\*

Senhor director:

A questão desse artigo não é metafísica nem gnoseológica . Trata-se de um método, não se trata de uma ideia. Trata-se duma modalidade e não de qualquer aplicação da modalidade tradicional .

Não sejamos mais papistas do que o Papa. Esse artigo fazia parte , terminaria o ensaio que enviei à «Chama de Maio». Se trouxe uma menção honrosa é porque não estava tão mau (por um lado) e tão inconforme (por outro).

A modalidade criadora pode diferenciar-se ainda no processo criador . Compare com a introspecção dita nos manuais.

\*

Ferreira do Alentejo, Dezembro de 1954

Formulo as seguintes dúvidas:

Poderá a arte considerar-se uma actividade lúdica? Que extensão será necessário dar a este palavra? Corresponderá o prazer de criar (se é que a todo o acto criador corresponde prazer) ao prazer lúdico? E a gratuidade da «arte pela arte» presencista será a mesma gratuidade do jogo? Será o jogo uma forma embrionária ou rudimentar da actividade espiritual (arte, literatura, investigação, poesia, etc.) ?

[ Huizinga]

Não será possível reduzir, um dia, toda a actividade de carácter utilitário, que não coincida com uma função espiritual latente no homem (e que não é, portanto, um labor penoso), ao trabalho da máquina?

Caso isso seja possível e só nesse caso terá sentido a minha afirmação de que “ a verdadeira actividade humana do homem é a actividade lúdica”, estendendo o termo “lúdica” à sua mais larga aceção, aquela sobre cuja legitimidade também estabeleci dúvida.

(Verificar, mais uma vez, o conceito presencista de arte e literatura)

Ferreira do Alentejo, Dezembro de 1954

\*

Esta persistência depende em grande parte do poder de fixação de uma qualidade nativa dos tecidos cerebrais, do que James [ William James?] chama a sua tenacidade original, o seu coeficiente fisiológico de retenção ou do que Biervliet [?] chama a plasticidade. Idem

\*

Relacionar com o destempero de Virgílio Ferreira na «Vértice contra Fernando Pessoa).

Certos nacionalistas como esse podem dar o braço aos católicos «detentores» da verdade e que no-la querem impingir pelo processo dialéctico.

Une-os o amor a Aristóteles e da infalibilidade do silogismo e o fanatismo da «ciência feita». Que os que criam ciência sabem como ela é coisa diferente das dialécticas omnipotentes!)

\*

VERBETE

Reter tudo o que se aprende, diz James [ William James] , é uma condição indispensável para avançar sem cessar e tudo emprender sem temor, tanto na vida intelectual como na vida prática ; pelo contrário, se se esquece à medida que se assimila, o mais que se pode fazer é reaprender indefinidamente, sendo-se muito feliz quando se chega a conservar o adquirido.» (Faria de Vasconcelos, pg. 167).

«Sem uma memória fisiológica extraordinária, diz James, pode-se pretender ser um especialista mas é preciso renunciar ao papel e à influência dos grandes enciclopedistas e dos poderosos maneiradores de homens. Os grandes homens que apareceram no mundo tiveram à sua disposição estas prodigiosas memórias fisiológicas.»

\*

Há coisas que os homens não simplistas , no seu isolamento, têm de procurar provar:

Não é a sua existência que favorece e engendra o comunismo, antes pelo contrário, são os únicos capazes de oferecer resistência a esse e a outros simplismos; mas isto só

se poderá verificar a longo prazo. Basta-lhes provar de que os que se dizem servidores do espírito não são os servidores do espírito.

De que a democracia é realizável, sem anarquia, e este é o grande problema tratado no ensaio de Raul Proença «Para um Evangelho da Acção num Mundo Real.»

\*

## LINGUAGM

A querela da forma e do conteúdo?

Da linguagem e do inefável pensamento que se não pode traduzir?

Mas não foi a linguagem que fomentou o pensamento? (O que dizem os historiadores? E Claparède?).

É certo que temos aí um argumento a favor do evolucionismo. Mas o que fazer-lhe? Não pode haver pensamento sem expressão e a expressão é que ajuda a definir o pensamento. É um processo indesligável, mas a proa está na linguagem e a popa no pensamento, se é que alguma vai à frente na singradura do desconhecido.

Está também aqui um argumento fortíssimo a favor da poesia lírica, que por ser um processo novo de linguagem equivale a um processo também novo de pensamento. Linguagem não é veio retentivo da substância espiritual, mas essa própria substância assumindo forma sensível.

Existe, pois, o pensamento apenas virtualmente, como a potência se contém no acto, sem no entanto se desligar dele ou poder conceber-se fora dele. Há estados subjectivos intraduzíveis? Sim e não.

Há . . . se puderem ser traduzidos e antes de o serem nós diremos ( depois de os traduzir) que estavam intraduzíveis; estavam, não eram, visto que se traduziram.

É esta a perplexidade da letra e do espírito. Poderá existir este sem aquela?

É a contradição de que resulta todo o pecado da poesia e do espírito revelado.

\*

Pelo que diz Lombardo Radice, vejo que ele ainda acredita que os «piores» são de facto piores e que há que actuar com «caridade».

Não, aqui começo a discordar, a não ser para aqueles que além de anormais (isto é, fora do normal ) possuam deficiências de carácter hereditário, falhas na sua constituição física e psíquica.

Mas mesmo esses, recorrendo à técnica já existente de educação de anormais, devem realizar-se naquilo que são , sem que tenhamos piedade deles mas os consideremos apenas uns homens (apesar de diferentes) iguais aos outros em valor humano e portanto iguais no respeito e deferências que lhes devemos.

\*

Mas mesmo fora do campo controverso das ciências morais e políticas, o ódio á liberdade de pensamento foi, é e será ainda não sei por quantos anos tão vesgo que os livros de António Sérgio, à volta dos anos 20 e 30 deste século, que preconizavam já uma interpretação racional e renovada do ensino e das ciências naturais, foram por muitos plúmicos dogmáticos acusados de perigosos e lançados, em efígie, ao fogo.

Hoje tacteia-se a mesmíssima orientação que os livros de António Sérgio traziam, com a agravante de que tem tudo um ar postiço e convencional de quem faz para o "inglês ver" e até desactualizado, pois muita coisa havia a rever ( e eles nem rever sabem pois se limitam agora a copiar o que já espezinham).

Mas sem isso, é evidente que o ensino racional de duas ou três disciplinas não é tudo e o restante padece e continuará padecendo de raquitismo congénito: a mediocridade provada de todos os que barafustam do campo de lá.

\*

E a prova de que pouco ou nada se alteraria [ ] o fundamento do ensino da moral, mesmo que sobreviesse a sequiosamente aguardada reforma do ensino primário, está nas reformas já efectuadas nos liceus e escolas técnicas, da análise de cujos programas de Doutrina Cristã se tiram inferências igualíssimas às que aqui tiro.

Conclusão: a raiz reside na filosofia que informa todo o ensino e é lá que se irá procurar a origem.

Quer queiramos quer não, o problema só tem dois termos:  
ou liberdade ou servidão.

Mas lembremo-nos de que em regime de servidão, de apologética, de dogmatismo) não existem ciências, principalmente se se tratar de ciências sociais e psicológicas, onde as implicações filosóficas são mais eminentes e directas. Aliás, se procurarmos os poucos sábios que existem na nossa terra, não encontraremos um só ortodoxo (mostrei isso num longo escrito). E pedagogia é uma ciência moral, psicológica e social. É o índice mesmo do nosso estado de apatia mental ...

\*

O espírito é tão prestadio como [o de ] qualquer doutrina moral e fica em igualdade de circunstâncias com todas. Por isso me insurjo quando se confunde instrução catecismal com educação moral e a ainda quando se confunde toda a filosofia moral com uma parte dela, parece mínima que, se vista dum ângulo histórico e político ( o português, o de alguns portugueses, que não é um ângulo europeu e muito menos um ângulo universal ) ainda arranja justificação para manter um primado, vista dum ângulo filosófico (universalista, ecuménico), único, de que se podem e devem, como defendo, encarar tais questões, tem de assumir ao lado das outras componentes o único lugar que lhe cabe.

(Ver carta ao [ Francisco] Santana onde falo da divergência de critérios).

(Ver o Mea Culpa, Mea Culpa, que é a exemplificação concreta do que aí digo.)

(Ver nota sobre Educação Filosófica ).

\*

Mas é isso que sucede. Há só que canalizar.

Ordem?

É como na política.

Vontade do interesse geral a que o particular se subordina.

Regulamento numa sociedade, na escola e a nação.

Dever e obrigação? Não!

Razão na criança? Consciência apenas.

Ela não é tão doce como parece. Apenas quando a ordem é justa e humana e criadora deve ser obedecida.

Aprazível e amena mas activa, esforçada, suada e trabalhada.

Mas a amizade com motivos intelectuais e de interesse. A amizade platónica é paisagem...

Faltas? Sê-lo-ão para a sua consciência.

Não se deve castigar.

Não à palmada !

\*

Eu vou continuar a cumprir aquilo que entendo: ser o que sou. E nessa tarefa apareço hoje com uma espécie de instantâneo gráfico ou fotográfico que obtive as panorâmicas de alguns dias de activo estudo e aí deixo o mapa que de lá resultou, para que jovens companheiros encontrem nele uma rota ou um repouso, de momento que seja.

Segue-se , portanto, algumas considerações à cerca do método usado no meu estudo e suas dificuldades de execução. Mas é também, concluo, o único método que nos pode conduzir seguramente, o mais difícil. Indico os obstáculos que se põem.

Mas afinal qual é o assunto em que irei aplicar o método? Em resumo talvez pudesse dizer: teoria para uma pedagogia criadora. É confusa a designação mas para a explicar aos outros e a mim próprio é que já escrevi algumas centenas de páginas, algumas delas aí deixo.

Juventude: diferenciação nos vários tipos de jovens que são também aproximadamente os vários tipos de indivíduos. Explico nesse, também, quais os obstáculos que se põem a realizarem-se como homens mais do que como profissionais.

\*

Os meus próprios diários que contam coisas minhas e acontecidas aos outros. Esses diários revestem não só a forma de agendas mas ainda a difusa modalidade de escritos confessionais, dispersos pela papelada da minha estante.

\*

Cartas escritas e recebidas, de conhecidos ou desconhecidos.

\*

Recordações de casos ocorridos e que podem exemplificar certos princípios gerais enunciados neste ensaio.

\*

Minha actividade em organizações como a Emissora do Liceu de Pedro Nunes, Rádio Universidade e jornal Escola Novas do Magistério Primário de Faro

\*

Eis os dados de observação de que pessoalmente disponho:

Tudo o que se passa com vários dos meus conhecidos, alguns deles tipos bem característicos de determinadas mentalidades juvenis.

Ainda hei-de pensar (se eles me dessem ajuda nisso, compreendendo não uma bisbilhotice às suas vidas mas uma investigação de carácter digno) em fazer de cada um, uma monografia, aquela afinal que todos deviam fazer de si próprios, quando já estão aptos a tanto e que os educadores deviam fazer quando ainda o não sabemos nem podemos.

Seria o espelho mais fiel e mais valioso para a nossa conduta futura, essa monografia. Reflectidos nela, caminharíamos com firmeza, pois não íamos em perseguição de uma sombra mas a par de uma imagem nítida , esclarecida nos seus pormenores e indicativa de todas as nuances da nossa actuação passada .

[ perfil holístico dos anos 80?]

\*

(2) Muitos desses conflitos são originados pela própria natureza das relações humanas comuns. Porque se elas se baseassem num convívio espiritual, de entendimento superior de ideias, dariam lugar à discussão crítica e ao desentendimento no plano deste mas nunca levariam ao fastio de viver a vida, pois é nas esferas da criação que a vida começa a pressentir-se e a revelar-se.

Portanto, a modalidade criadora que preconizo só poderá levar a uma convivência mais salutar entre os homens.

\*

O ESPÍRITO É SÓ UM

A todos os críticos que fizeram o favor de me olhar ao livrinho com alguma atenção, responderei (provavelmente noutro livro) tirando as conclusões que se me afigurarem

legítimas e dando todos os esclarecimentos , prosseguindo no esclarecimento próprio que é, afinal, tudo o que escrever.

(Ver artigo da revista «Árvore» de Ramos Rosa sobre Éluard e Michaux).

\*

(1) Porque eu não sou piedoso, confesso , e quando me cheira mal ou me aparece feia e desarmoniosa pelo som, pela cor ou por outro sinal, não resisto a ir-me embora (até e principalmente de mim próprio).

Acredito na verdade da libertação da caverna para a claridade das ideias: elas são a única saída, se é que há saída.

Parecendo , pois, uma aristocracia da vida, a cultura só consegue , ao mesmo tempo que evadir-nos dela, proporcionar-nos o ânimo para que verdadeiramente a vivamos nas suas formas de maior beleza e espiritualidade.

Eis aí, nitidamente, uma filosofia do conceber que é uma filosofia do viver, através da modalidade criadora.

\*

Quando precisamos de ter presente o conceito de humanidade, quase sempre se abstrai um facto que é de capital importância: a heterogeneidade na maneira de ser, na psicologia dos indivíduos que formam essa mesma humanidade.

Se é certo que as desigualdades morfológicas e fisiológicas são notáveis, as psicológicas não o são menos.

Quanto a nós temos entre mãos um problema onde o conhecimento de preferências e gostos, de ideais e maneiras de ser, de psicologias, enfim, representa já uma importante parcela de êxito - toma-se de especial significado aquele facto.

Por mim não teria a autoridade para vos fornecer um esboço sequer para uma classificação forçosamente esquemática de todos os homens que lutam e sofrem neste planeta. No entanto, posso oferecer-vos as palavras magistras duma autoridade no assunto, as palavras de José Bacelar, extraídas do seu livro: Razão e Absoluto.

\*

### HOMEM CONCRETO

Emprego esta palavra , poeta, à falta de outra melhor e com um sentido que não é bem o mais vulgarizado. Porque não tenho outra, disse.

Mas é que a necessidade de a usar dá-me também a oportunidade de ter escolhido aquela que, afinal, melhor podia caber nesta minha pedagogia criadora, onde os termos se vão naturalmente afeiçoando e contendo o ideário de que consta essa mesma pedagogia.

Poeta era a melhor palavra , pois como que polariza todas as outras, que eu podia escolher mas que isoladamente não expressavam com a força requerida esse novo tipo de homem: apóstolo, idealista, homem universal, homem culto, obreiro dum humanismo criador, pensador, estudioso, criador, aprendiz, etc.

É poeta a melhor palavra pois culminam nela todas aquelas, como culmina numa concepção puramente estética (poética, direi mesmo) todo o pensamento , reflexivo e ensaístico, do meu ideário.

\*

### O POETA E OS OUTROS

(30)

Aqueles, cuja filosofia consiste em fazerem tudo o que e como lhes dá na gana, nem lhes chega olho para verem que, generalizada a sua filosofia, também têm lugar no mundo os que nascem poetas, filósofos ou místicos, os quais só se realizarão num esclarecimento mais profundo de si próprios (sempre por impulso das respectivas vontades, tal como os outros) na meditação duma filosofia menos simplista que a deles.

Conclusão: o simplismo não admite a complexidade, ao passo que esta compreende, tolera e inclui na sua amplitude as mil estreituras daquele.

#### O POETA E OS OUTROS

Os realistas, os optimistas, os pragmáticos consideram (se é que consideram, se é que sabem sequer da sua existência) os idealistas uns impertinentes e resmungões, que nunca estão satisfeitos com a sorte e cuja preocupação de virar o mundo lhes parece ignóbil. Não os compreendem, nem discutem. Ignoram-nos ou desprezam-nos.

\*

#### O POETA E OS OUTROS

O homem inteligente, culto, universal, poderá e deverá amar até a própria mediocridade? Amá-la como Jesus amava os pecadores, dizendo «perdoai-lhes, senhor, que não sabem o que fazem?»

A extrema humildade tem de ser um dos pontos fortes do homem culto.

\*

Há os que vivem por viver. Outros já se burnem um pouco de tintas intelectuais. Outros ainda fazem gala da sua superioridade mental. Todos me enjoam. Qual daqueles terá razão? Ou não a terá nenhum? Ou não haverá razão para nenhum?

Para mim também não, evidentemente. Deste beco sem saída só posso sair por outro beco sem saída, mas com uma larga margem de que poderei aguentar a vida:

É o beco da criação intelectual. Ou ela ou a morte. Eis o dilema terrível em que me meti por inteira culpa minha. Assim quis, assim tenho. Culpar-me-ão se eu, nesta encruzilhada, ambicionar um destino mais alto? O criminoso (ou qualquer outro segregado da sociedade) está mais perto do homem genial do que do homem sensato, embora burro. Não falando já do crime que a própria inteligência representa ....

#### CONSEQUÊNCIAS DA COERÊNCIA OU O QUE E ACONTECERIA SE OUSASE PUBLICAR O LIVRO (OU AINDA O PROBLEMA DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO DE PENSAMENTO)

Se decidisse fazer a minha afirmação pública de coerência (caso a censura o deixasse passar) e publicasse o meu livro, aniquilaria metade das possibilidades do meu ganha-pão.

Nunca poderia ser professor, nem trabalhar na radio (na Emissora, pelo menos), nem actuar na organização de juventude Mocidade Portuguesa. Fechavam-se-me todas as portas. Negavam-se todas as oportunidades duma possível vocação, de acordo com a minha consciência. Se não quiser arriscar isso tudo devo calar-me, fingir, adular, alienar-me no que tenho de mais verdadeiro e de mais valioso para mim: a minha consciência. É o suicídio virtual. Porque não publico o livro (nem esse nem outro por maioria de razão), porque não me realizo, porque andarei na vida repugnado e vencido, fantasma e mentira. Porque em vez de mim serei cunhas, reverências, humilhações, lisonjas, etc.

\*

#### MONOPOLIZADORES DA CONSCIÊNCIA

Dilema: ou cultura ou morte, caso queiramos a coerência digna indispensável a tudo o que se queira afirmar no domínio do espiritual, termo este abusiva e intencionalmente falseado para os usos baixos que os monopolizadores da «política do espírito» e outras modalidades de cultura dirigida, usam em seu exclusivo proveito nada espiritual

(Ver onde falo de informação)

\*

## AINDA O SUICÍDIO

No desprezo pela própria pele reside o mais forte e invencível argumento do desprezo pelo resto da humanidade, mundo e arredores. Assim como no amor e aceitação humanitários reside a desculpa mais cara, mais hipócrita e mais interesseira do amorzinho à amada pela, do egoísmo vulgaris. A indiferença perante um mundo que se digladiasse até ao último osso seria a atitude dum perfeito *gentleman*. A melhor casaca para envergar só podia ser não o pouparem também ao descasque, de modo a que assistisse ao banquete devidamente aprumado e emproado: em esqueleto.

\*

## ACÇÃO

Os activos ficam todos aborrecidos quando o poeta lhes diz que dispensa a felicidade que andam tão empenhados em lhe dar e que até agora (aliás) só têm sabido prometer.

\*

Ser optimista equivale a ser crente , a ter fé nalguma coisa. Por isso todos os optimistas são melosos e predestinados para aconchegos de sacristia.

Ser optimista é crer na vontade , na acção para poder querer e actuar . Portanto, o pessimista tem aí um ponto fraco: podem-no acusar de preguiçoso ou de esquivo às responsabilidades. O céptico total é aquele que só não é céptico com o seu cepticismo (deve ser este o sentido do meu poema Fermento) .

\*

r

Quando se nos concede alguma beneficio há muito esperado, parece que se nos entrega um tesoiro em que não é proibido tocar e sobre que se não pode fazer crítica (como aliás já sobre tudo o que existia). Depois de uma espera de 40 ou 50 anos, o "beneficio" vem com erros e anacronismos, postiço, convencional, sem orgânica de conjunto em que se estruture e complete. O "melhoramento" em realidade não melhora nada, é mais um ornamento sobre o jardim de mortos da nossa linda terra, pintado de fresco mas inútil. Há qualquer coisa que falta, mas o que é? É a reforma básica, de que provêm todas as outras, uma reforma de princípios e de estrutura. Não sou, não posso ser pelos remendos parciais, pelos engastes fictícios, pelas emendas desarticuladas.

\*

## A LETRA E O ESPÍRITO DOS EXEMPLOS ETERNOS

No tempo de S. Francisco de Assis, compreende-se que o Santo propusesse aos seus frades , como regra de vida monástica, que «os que não soubessem ler não cuidassem em aprender.». que já não se entenderia hoje. E como isso, muitas coisas que ao tempo se justificaram , hoje já não podem servir de exemplo e muito menos de modelo. Eis porque o que há de eterno em Francisco de Assis (a sua obra) não deve ser diminuído em face do que nele há de efêmero ( a sua vida). E só aquele pode servir de exemplo.

\*

## O MAL, O PLANO DIVINO E AS COISAS QUE O PODEM OU NÃO PODEM CONTRARIAR

Harmoniza-se a existência do Mal cá na Terra com a existência de Deus lá" no Céu (porquê no Céu, coisa vaga e, inadmissível?) explicando que, vistas as coisas em plano ("*sub specie aeternitatis*" como eles latinam) o Mal é desprezível em vista ao Bem que visa, no final, o plano divino.

Quer dizer: nega-se a felicidade terrena de cada pobre mortal, enquanto se assegura que a engrenagem a que ele é quase totalmente alheio continuará de boa saúde até à consumação dos séculos.

Mas renunciam os cultores do escape astucioso a ver também, em plano, as coisas da inteligência e a considerar muito mais alta, muito mais bela, muito mais digna a inteligência livre e independente, que rompeu os "conhecimentos imaculados" (Nietszche), os preceitos e as normas precárias, pondo em risco respeitáveis instituições, seguras de si e consistentes no seu passado, para que simplesmente seja ela própria acima do que menos interessa e menos preza (as tais coisinhas tão desprezíveis quando se tem em vista o plano divino e seus insondáveis desígnios).

\*

Em vez de um valor útil à sociedade, teremos um peso morto. Em vez de um homem, teremos um animal entregue à única satisfação dos instintos, visto que nunca se lhe cultivou o que era nele mais alto. E não se julgue que se resolve o problema das mais altas exigências morais, intelectuais e estéticas com a solução dada pela Igreja Católica, isso pode ser mais uma fonte de revolta, até contra a própria Igreja Católica.

Aliás, não é com uma imposição epidérmica de doutrinas que se fazem católicos que honrem o catolicismo e verdadeiramente o sirvam. . Só aquilo que nasce do mais íntimo da alma, o que se cultivou nela que merecia ser cultivado vem a assumir a força inquebrantável dos grandes caracteres e personalidades.

Se for, de facto, a ideia católica que convém cultivar numa alma, aproveitar-se-ão os esforços despendidos nesse sentido; doutra maneira só se conseguirá criar um inadaptado e um descontente, ou um crente de fachada. Porque acreditar em deus não é ainda uma operação tão fácil como alguns julgam.

Só pelo esforço prolongado de estudo, esclarecimento, devoção, descoberta e pensamento criador, se chegará à plenitude de um deus que não é convencional ( e por isso não reveste todos os perigos desses católicos de fachada que só crêem por crer, sem a veemência que uma coisa tão séria deveria requerer: veemência , devoção e vocação) mas a plena conquista da consciência , durável, inexpugnável, heróico, apostólico. O problema reside, pois, na possibilidades de estudo, investigação e trabalho inventivo que se dá ao homem que nasceu para servir uma causa tão grande , tão sublime mesmo como é essa.

E os outros encontrarão de certo Deus mais depressa no reflexo dele na Terra que são as obras de criação espiritual (Ver Pascoaes), através da cultivação do sentido estético e de todas as formas de pensamento criador – do que através de fórmulas sem significação que só lhe provocarão o bocejo , o tédio, a descrença, a antipatia. Porque o homem tem é fome de beleza. E ele a procura sob as mais diversas formas (Ver outro artigo meu).

Dê-se-lhe beleza, verdade, amor, santidade, exemplos de pureza e altitude. Esses compreende ele e assimila. E é pelo intuitivo que ele chegará ao inteligível, ao racionalizado .

O grande mal da nossa época é o mau gosto generalizado em tudo e por tudo. Tira-se a beleza a tudo. Para se deixar só com o osso do utilitarismo ou dum convenientismo e duma grosseria de publicidade comercial. Consegue-se em beleza e não em convencionais liturgias (de moral) que nada dizem à alma dos jovens e , desta vez, em geral, de todos os jovens.

Repare-se que para eu provar estas asserções que estou fazendo deveria empreender estudos prolongados sobre factos, com a verificação ensaística aturada, o que não posso por falta de tempo e escassez de possibilidades: mas este próprio ensaio, como o seu nome indica, é um ensaio, uma experiência, e , como tal, sujeito ainda a rectificações, emendas, substituições. Há hipóteses ousadas; a experiência as corrigirá, o ensaio. Continuarei ensaiando que é o único meio acessível para um rapaz que estuda ...)

\*

Há certas noções que a intuição estabelece e que servem suficientemente ao nosso espírito. Muitas vezes a investigação científica na sua profundidade e exactidão recusa essas noções , porque com aqueles métodos de rigor as não consegue estabelecer.

Exemplo: eu sei muito bem, intuitivamente (até antes de estudar o assunto e estabelecendo essa noção por quaisquer necessidades de um espírito no quotidiano) o que é vivo e o que é morto , sei distinguir a morte da vida. No entanto, a ciência propõe-se definir a vida e por mais que faça só consegue desesperar . porque não encontra noção que a satisfaça. E não tem limitações em estabelecer a hipótese duma identificação entre a matéria viva, organizada , e a matéria morta, inorgânica.

\*

28-12-1949

Distinção fundamental entre o que é e o que existe. Tudo o que existe é. Mas nem tudo o que é, existe.

Seja tudo o que o homem julgue a realidade mesma, a realidade em si ou apenas o reflexo da exigência do homem para a existência dessa realidade, eu homem não vou querê-la mais ou menos , melhor ou pior, mais bonita ou mais feia. O meu raciocínio dir-me-á na verdade ou desenhar-me-á somente essa realidade? Seja como for, aceitá-la-ei.

Matéria é dos conceitos fundamentais à inteligência humana nas suas exigências de estudo e investigação.

\*

3-1-1949

É preciso atingir todos os ramos do saber humano, ou melhor, da actividade humana, tudo o que o homem tem produzido desde as mais remotas origens até ao dia de hoje. Todos esses conhecimentos conduzem decerto a um saber único, síntese de todos os outros mas com muitíssimo mais valor, porque todos reunidos num só formam uma unidade completa e utilizável.

O homem que tem produzido tanto – e destruído também!.- com algum fim o fez (tudo tem que ter um fim , embora muitas vezes não se conheça nem tão pouco se sinta esse fim).

Quererei eu chegar ao conhecimento certo e completo de todas as coisas, para resolver o mago problema da morte, ou melhor, do medo à morte que a mim próprio me satisfaria e depois pelos séculos fora, pela eternidade adiante viria satisfazer a humanidade que até aqui sofre sem nesses pontos ter nada esclarecido.

É preciso tornar a morte como uma coisa tão natural como o nascimento ou outro fenómeno maravilhoso da vida.

A história mística da vida eterna, gloriosa, no paraíso ou no inferno, já não serve ou nunca serviu porque é errada.

E a explicação da morte não será decerto do género de consolação , em que forçoso se torna tapar os olhos por se desconhecem leis superiores , leis inabordáveis, leis que são na realidade leis da vida e portanto naturais como ela.

Será preciso, sim, a consolação , mas duma certeza com que se encare a morte naturalmente.

30-12-1949

Ponto fatal de convergência dos voos mais altos que a razão humana pode alcançar é o conceito de material e imaterial. E o conceito de nada não será mais fundamental ainda?

5 – 2- 1950

O pensamento e a inteligência depois de tanto criarem , de tanto se exteriorizarem, chegou o dia em que tiveram a consciência de si mesmos, da sua existência. O homem depois de pensar tantas coisas, pensou no facto simples de que tinha pensamento. Assim nasceu a filosofia.

\*

Não existe a felicidade, mas somente o acto de procura da felicidade.

Parece-me razoável que se instale nas nossas ideias uma noção de dinamismo a substituir a de estaticismo, prejudicial no conhecimento que desejamos ter de nós e dos nossos semelhantes, dos fenómenos naturais e dos fenómenos científicos, da arte e da literatura, da moral e da filosofia.

A felicidade não é um estado, é um gesto. E não é, está sendo ou vai ser. Nada é, tudo afinal está sendo ou vai ser. Era e é a verdade de Heraclito.

Desistamos de conseguir a felicidade como coisa que há-de surgir numa manhã de nevoeiro, lugar a que havemos de aportar, mais cedo ou mais tarde. Sempre vivo este desejo de a conseguir e de a possuir é que é verdadeiro. E já não é pouco. Deixa-nos, ao menos, a consolação de que nunca pararemos na caminhada para o ideal, para a perfeição, para o estádio imaginário, para a longínqua miragem que sempre se afasta mais, à medida que dela nos julgamos aproximar.

Nem esperemos que o mundo atinja alguma vez um estado de completa perfeição; de ideal acabamento. Significaria o fim. O homem perfeito é o homem morto, mas também é morto o que não deixa arder dentro de si o ideal de perfeição, de mais infinito.

O poeta procura o seu caminho e isso é a sua poesia. O filósofo procura a verdade e isso é a sua filosofia. Até a ciência que parece fazer-se de conceitos infalíveis, necessários, únicos - também não passa sem o dinamismo essencial que lhe renove e estimule os movimentos.

Como se compreenderia então as revoluções que quase periodicamente nela se registam? Desde Bacon até Einstein, não estacionou, não fixou uma maneira ou método, um sistema ou uma lei. Tudo transitório, tudo passageiro, mas tudo imbuído desta maravilhosa força viva, que arrasta almas e corpos para um destino superiormente criado e magistralmente traçado em linhas que não vemos mas em que cremos.

A ordem do mundo, se lhe faltasse este núcleo de iniciativa e impulso iniciais, enlouquecer-nos-ia de tédio e inutilidade. Assim, se julgamos pôr um pé em terra já ele pisa o mar, se julgamos tê-lo no mar já galgou outros continentes. Nunca sabemos o que somos nem o que queremos. Só assim se nos não acaba a ânsia de percorrer e descobrir novos horizontes de mares e continentes.

Para lá do infinito ainda existimos, porque para lá do infinito ainda nos leva o desejo de descoberta e de aventura. Um dia chegaremos aos astros, visitaremos os últimos planetas do nosso sistema solar, telescópios potentes reconhecerão mais sistemas, outros sóis, outros planetas, humanidades diferentes em universos diferentes. Mas haverá ainda que procurar, que inquirir o eterno mistério. O filósofo não terá terminado a sua tarefa, o poeta não terá esgotado ainda as lágrimas de quem sofre a dor do pensamento e da ignorância humana.

Porque a única realidade, o que existe e persiste é essa dor, essa interrogação perante o mistério, essa busca incessante do que nunca se alcança porque é a perseguição da própria sombra.

Isto somos nós, espírito e apenas espírito. Percorremos em círculos concêntricos a mesma esfera , mas dela nos libertamos porque dentro dela criamos formas novas que afinal não passam da mesma forma.

Ainda o desejo de sair dessa esfera reflectida em mil esferas idênticas (espelhos multicores e multiformes do nosso sonho e da nossa angústia) não é outra coisa que uma

forma mais, um reflexo ainda, um engano supremo e salvador que nos responde, como um eco libertador , nos mesmos termos da nossa última interrogação: Deus.

FIM DO CADERNO N° 7 ■